



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MAXCIEL JOAQUIM DE SANTANA**

**NARRATIVAS DE UM HOMEM EM CONSTRUÇÃO: LITERATURA E HISTÓRIA**  
**EM JOSÉ LINS DO REGO ENTRE OS ANOS (1910-1930)**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**2019**

**MAXCIEL JOAQUIM DE SANTANA**

**NARRATIVAS DE UM HOMEM EM CONSTRUÇÃO: LITERATURA E HISTÓRIA  
EM JOSÉ LINS DO REGO ENTRE OS ANOS (1910-1930)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciatura em História.

**Orientador:** Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano.

**CAMPINA GRANDE – PB.  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S232n Santana, Maxciel Joaquim de.  
Narrativas de um homem em construção [manuscrito] : literatura e história em José Lins do Rego entre os anos (1910-1930) / Maxciel Joaquim de Santana. - 2019.  
65 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano ,  
Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Discurso da sociedade. 2. História cultural. 3. Masculinidade. 4. Narrativa literária. I. Título  
21. ed. CDD 401.41

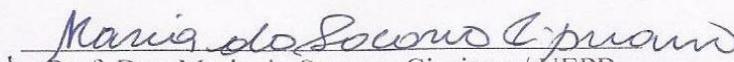
MAXCIEL JOAQUIM DE SANTANA

**NARRATIVAS DE UM HOMEM EM CONSTRUÇÃO: LITERATURA E HISTÓRIA  
EM JOSÉ LINS DO REGO ENTRE OS ANOS (1910-1930)**

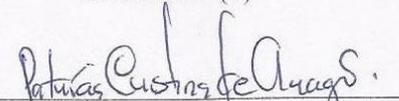
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciatura em História. **Orientador:** Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano.

Aprovado em: 02/12/2019.

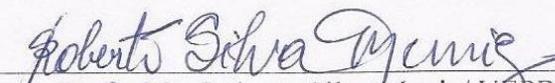
**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dra. Maria do Socorro Cipriano /UEPB

Orientador (a)

  
Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão. / UEPB

Examinador

  
Prof. Me. Roberto Silva Muniz/ UEPB

Examinador

**CAMPINA GRANDE- PB**

**2019**

*A Maria do Socorro Barbosa de Santana,  
minha mãe por nunca desistir de mim,  
DEDICO.*

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a todos os Deuses por ter chegado aqui, a minha família pelo apoio e por nunca desistirem de mim, à minha mãe Maria do Socorro, por ter feito de tudo para que eu alcançasse esse momento, de deixar de comprar mantimentos para casa e dar-me o dinheiro para as xérox, das palavras de força ao orgulhar que sente de mim, ao meu falecido pai Moacir, por me instigar a sempre buscar mais conhecimento, aos meus avós maternos, Euclides e Josefa, por terem me guiado para o caminho correto, à minha avó paterna Antônia, por me ajudar sempre que preciso e acreditar no meu potencial.

À Universidade Estadual da Paraíba, pelos vários serviços prestados à comunidade acadêmica em geral. À Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROEST), por oferecer programas de assistência estudantil, sendo estes de fundamental importância para minha estadia e permanência durante os últimos dois anos de curso. Ao Núcleo Psicossocial, representado por Eveline e Edna, por me acolher tão bem quando necessitado e me instigarem a não desistir da vida.

Gostaria de agradecer aos vários funcionários terceirizados da instituição na qual estabeleci rodas de amizades que levarei para toda minha vida. Em especial aos funcionários do Restaurante Universitário (RU), dona Damiana, Rosário, Célia e Everaldo, pelos almoços, jantas e principalmente pelas ótimas risadas compartilhadas e conversas mundo a fora prestada, levarei comigo cada momento especial lá partilhado. Ao seu Cícero e dona Iraci pelos cinco anos de curso me tratando gentilmente e oferecendo para além das comidas ótimas conversas e risadas.

Aos meus amigos que fiz na moradia universitária, Samuel, Erinaldo, Rafael, Neto e Bruno pelos momentos loucos que vivenciamos, pelas risadas, brincadeiras, festas compartilhadas, conversas, desabafos e aprendizado. Foram ótimos momentos juntos que vivemos, irei levar para eternidade comigo cada um deles.

Agradeço aos meus colegas e amigos do peito que fiz no curso, Franciel, Evandro, Melissa, Valdeir, Aline, Natália e Mirelle pelos saberes, experiências, conhecimentos partilhados, pelos conselhos, risadas e broncas meu muito obrigado. Aos meus amigos e irmãos que tenho desde o ensino fundamental, Eduardo, Maurício e Joemeson, pelo

companheirismo, risadas, motivações e irmandade. E aos demais amigos e amigas pelo companheirismo e palavras de força.

À professora Dra. Maria do Socorro Cipriano por sua excelência na arte de ensinar, além do trato humano com os alunos sendo essa um espelho para os que buscam seguir a profissão de professor, além de um conhecimento histórico/historiográfico inspirador. Aos programas de Monitoria, de Extensão e do PIBIC desenvolvidos sob coordenação da professora Dra. Maria do Socorro Cipriano, nos quais pude amadurecer enquanto acadêmico de História e ser humano promovido pelo convívio diversificado que tais programas oferecem.

Aos professores do curso de História da UEPB, que deixaram um vasto grau de conhecimento e referência tanto em suas condutas pessoais e profissionais, em especial, Maria do Socorro Cipriano, Patrícia Aragão, Roberto Muniz, Bruno Rafael de Albuquerque, Adonhiran Ribeiro, Ramsés Nunes e Silva, Flávio Carreiro de Santana, José do Egito Negreiros e por fim ao professor José dos Santos Costa Júnior.

Por fim quero agradecer a cada um que conheci nesses cinco anos de curso, desde colegas de sala de aula, integrantes de projetos, monitorandos, professores dos estágios aos motoristas de ônibus, 99 e Uber. A todos que conheci meu muito obrigado.

*O passado é, também ficção do presente.*  
*(Michel de Certeau)*

## RESUMO

Considerando a importância dos discursos da sociedade açucareira dos primeiros trinta anos do século XX na Paraíba, o presente trabalho tem como objetivo mapear os discursos da dualidade moderno/arcaico, que *colonizam* o corpo do personagem Carlinhos, presentes nas obras de José Lins do Rego: *Menino de Engenho* (2008a), *Doidinho* (2008b) e *Meus Verdes Anos* (2008c). Sob a perspectiva da História Cultural, a pesquisa sobre a narrativa literária do referido escritor paraibano nos leva a problematizar os discursos presentes nessa sociedade, analisando como sua escrita aborda as aparentes contradições entre a liberdade e libertinagem da sociedade açucareira e o poder disciplinador da instituição escolar, sendo esta responsável por impor a ordem, a disciplina e a civilidade. Pois, consideramos que tanto as narrativas sobre a indisciplina da vida rural como a disciplina da vida urbana se constituem enquanto espaços de modelagem e fabricação de masculinidade, espaços no qual um corpo sofre processos de alteridade mediante o convívio com os sujeitos e regras impostas. Por trabalhar com literatura como fonte principal, a metodologia aqui utilizada reflete o diálogo com os campos da Literatura e História Cultural, sob o crivo teórico dos seguintes autores: concepção de *representação* de Roger Chartier (1988), discussões sobre poder, discurso, e disciplina de Michel Foucault (2014), além do pensamento de Michel Certeau (2014) sobre táticas e outros conceitos como formas de burlas cotidianas diante das regras impostas. Procuramos mostrar a importância do debate sobre a constituição da masculinidade na literatura de Lins do Rego, destacando que dentro de uma sociedade existem discursos que são responsáveis por fabricar sujeitos a partir de seu cotidiano, os influenciando na maneira de agir e pensar.

**Palavras Chave:** Discurso da sociedade. História Cultural. Masculinidade. Narrativa Literária.

## ABSTRACT

Considering the importance of the discourses of the sugar society of the first thirty years of the twentieth century in Paraíba, this work aims to map the discourses of the modern/archaic duality, which colonize the body of the character Carlinhos, present in the works of José Lins do Rego: *Menino de Engenho* (2008a), *Doidinho* (2008b) and *Meus Verdes Anos* (2008c). From the perspective of Cultural History, the research on the literary narrative of this writer from Paraíba leads us to problematize the discourses present in this society, analyzing how his writing addresses the apparent contradictions between the freedom and libertinagem of sugar society and the disciplinary power of the school institution, being this responsible for imposing order, discipline and civility. For, we consider that both the narratives about the indiscipline of rural life and the discipline of urban life are constituted as spaces for modeling and manufacturing masculinity, spaces in which a body suffers processes of alterity through the coexistence with the subjects and rules imposed. For working with literature as the main source, the methodology used here reflects the dialogue with the fields of Literature and Cultural History, under the theoretical scrutiny of the following authors: conception of representation of Roger Chartier (1988), discussions on power, discourse, and discipline of Michel Foucault (2014), in addition to the thought of Michel Certeau (2014) on tactics and other concepts as forms of daily scams before the imposed rules. We seek to show the importance of the debate on the constitution of masculinity in the literature of Lins do Rego, highlighting that within a society there are discourses that are responsible for manufacturing subjects from their daily lives, influencing them in the way of acting and thinking.

**Keywords:** Society Discourse. Cultural History. Masculinity. Literary Narrative.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1-** Fachada do prédio onde funcionou o Instituto Nossa Senhora do Carmo.....50.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. PERCURSOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA</b> .....	15
1.1. A história é narrativa? É ficção? .....	18
1.2. Decadência e memória em Lins do Rego .....	22
1.3. Infância um debate histórico .....	26
<b>2. CORPO DE MENINO, PROJETO DE HOMEM: A CONSTITUIÇÃO DO CORPO DO MENINO “BICHO” EM MEIO A LIBERDADE E LIBERTINAGEM</b> .....	32
2. 1. A voz do outro na construção de si .....	35
2.2. O macho é frágil? .....	40
<b>3. EDUCAÇÃO, DISCIPLINA E RELIGIÃO</b> .....	45
3. 1. Carlinhos agora é Carlos de Melo .....	46
3.2. Na prisão entre Deus e o Diabo .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	62

## INTRODUÇÃO

Este é um texto sobre a representação do ser homem numa sociedade em decadência. É um texto sobre a infância de um personagem inserido num contexto binário de uma sociedade arcaico/moderna. É um convite para decifrar um corpo fabricado por um discurso. É uma análise das várias formas de poder, estratégias e táticas de uma sociedade que tenta capturar o sujeito em suas malhas de poder. Este texto é fruto da arte da escrita proporcionada pela pesquisa enquanto bolsista de iniciação científica. Essa que propiciou minha aproximação com a literatura regionalista do escritor paraibano José Lins do Rego, no qual pude preencher em linhas vazias uma escrita, fruto do exercício da produção.

Foi a partir desse contato com a pesquisa, que pude mergulhar na sociedade açucareira dos anos 30 paraibano. Ao pesquisar sobre práticas cotidianas relacionadas a vivências e experiências dessa sociedade que cheguei a alguns questionamentos: diante de uma sociedade que estava passando por um momento de decadência, por que ainda eram impostas aos meninos certas práticas culturais vistas como incivilizadas para a nova sociedade emergente? Visto isso qual a finalidade da educação “moderna” para um corpo que vive solto, feito um “bicho”?

Esses questionamentos surgiram a partir da leitura atenta de alguns dos principais livros de José Lins do Rego: Menino de engenho (2008a), Doidinho (2008b) e Meus verdes Anos (2008c). É a partir da análise desses questionamentos que este trabalho monográfico tem o objetivo de mapear os discursos da dualidade moderno/arcaico, responsáveis por colonizar<sup>1</sup> o corpo do personagem Carlinhos, presente nas obras de José Lins do Rego. Buscando encontrar as características que definem o corpo do homem para a sociedade da época, assim como compreender o processo de constituição do corpo de um menino “bicho”, e entender o “adestramento” do corpo realizado no internado como um discurso da sociedade moderna, por meio da disciplina que extrai o atraso, e impõe o “saber” no corpo desse jovem.

A escrita do autor confere sentido ao viver de sujeitos da sociedade açucareira. A memória de José Lins do Rego torna seus personagens representações do discurso da

---

<sup>1</sup> Conceito utilizado por Michel de Certeau em seu livro *A Escrita da História*, de acordo com ele a colonização do corpo ocorre pelo discurso do poder. Ele utiliza-se da colonização do novo mundo, para explicar que foram escritas nas páginas em branco que se encontravam (autóctones), pedaços do outro (europeu) no qual a história Ocidental foi fabricada.

sociedade do início do século XX. Suas obras são pautadas em suas próprias memórias, e nelas são perceptíveis às marcas sensações, lembranças e experiências de um uma época. Saudosismo de um passado de glória da sociedade do açúcar. Por ele vivenciar e fazer parte desse mundo do engenho ele foi capaz de captar as sensibilidades dessa época rica e decadente, que representam a sociedade açucareira, ele conseguiu tonar “presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido” (PESAVENTO, 2007, p. 14-15). Portanto, este trabalho está calcado na perspectiva da História Cultural<sup>2</sup>, que apontar problemáticas importantes para compreender as formas de representação da masculinidade. Segundo Roger Chartier (1988, p. 16-17), “a história cultural, tal como a entendemos tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Por essa perspectiva, os discursos literários ao resgatarem temas históricos, como a disciplina das escolas, a vida nos engenhos, opera seletivamente, assegurando um novo olhar sobre os fatos, reinterpretando-os. Consequentemente, “a memória social criada a partir do discurso literário se constitui numa representação que se socializa e que tem um conteúdo pragmático e socializador” (PESAVENTO, 1998, p. 13). É sob essa ótica cujo trabalho é pautado metodologicamente. Literatura e História traduzem uma sensibilidade na apreensão da realidade e operam oferecendo leituras diversas.

Com recorte temporal destinado aos primeiros 30 anos do século XX, esse trabalho analisa nas obras de Lins, os espaços do engenho e de seus arredores juntamente ao do internato, enquanto lugares de fabricação de sujeitos, de discursos responsáveis por colonizar um corpo, e o torná-lo o ser homem desejado dessa sociedade.

Pensar na produção da masculinidade é pensar historicamente em um conjunto de instâncias sociais que estão em voga, mesmo a pesquisa pautando-se na sociedade do início do século XX; a igreja, escola e família permanecem no cotidiano de homens e mulheres os produzindo, enquanto sujeitos os preparando, os investindo para a vida em sociedade. A produção de sujeitos é permanente.

---

<sup>2</sup> A História Cultural tem como objetivo compreender as sensibilidades e como elas operam através das representações, individuais e coletivas, que os homens constroem sobre o mundo ao longo do tempo, trabalhando assim com imaginário, formas de percepção e significados do mundo, práticas de representação, com as sensibilidades.

Dentre alguns conceitos eleitos para a escrita deste trabalho está a contribuição de Michel de Foucault (2014), com o conceito de *disciplina*, de suma importância para a análise do processo de “adestramento” dos corpos no espaço da escola, a submissão, hierarquização e vigilância de um poder advindo de um discurso de uma sociedade moderna, destruidora das singularidades e construtora de pluralidades. Foucault (2014) diz que o corpo até o século XVIII foi alvo de suplícios como forma de punição, a sua sexualidade era padronizada para colocar limites entre o normal e o patológico; os corpos de crianças e jovens eram governados dentro das escolas.

São intervenções realizadas no corpo do indivíduo por meio do poder disciplinar, que tem como objetivo “adestrar” as “multidões confusas e inúteis de corpos”, e a partir daí, fabricar indivíduos obedientes (FOUCAULT, 2014, p. 164). A disciplina é um tipo de poder, torna os indivíduos meros objetos e, ao mesmo tempo, instrumentos do seu próprio exercício. E essa disciplina insere-se em no corpo dócil, logo, é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado.

Para pensar na experiência do cotidiano vivenciada por Carlinhos no internato, julgo como fundamentais as contribuições de Michel Certeau (2014) para entender a forma que o personagem vai burlando as regras dentro dos espaços da vigilância e do poder disciplinador do internato, a noção de táticas que nos ajudaram a ampliar os significados e experiências vivenciadas por meninos “presos” em um colégio, no tocante as produções e reinvenções do cotidiano. De acordo com Certeau (2014, p. 45), as táticas, por sua vez, são apresentadas pelo autor como ações desviacionistas, que geram efeitos imprevisíveis. [...] Resultam das astúcias dos consumidores e de suas capacidades inventivas, possibilitando aos atores escaparem às empresas de controle e tomarem parte no jogo em questão.

O trabalho se organiza em três capítulos que foram distribuídos conforme o percurso da problemática levantada, como definidos a seguir:

O **primeiro capítulo** apresenta inicialmente uma discussão teórica e historiográfica sobre o uso da literatura enquanto fonte para a história, a partir do viés da Nova História Cultural. Para tanto, utilizamos a discussão realizada pelos autores Le Goff (1990) e Decca (1997) no qual ambos defendem a importância da utilização das obras literárias, enquanto fontes para história, as compreendendo como uma representação de uma época que comporta, através das descrições dos personagens, dos diálogos, das ações, as imagens sensíveis do mundo. Em um segundo momento é exposto como o período histórico e de mudanças na

sociedade é favorável para a produção literária regionalista, além de abordamos o sentimento de infância enquanto construção histórica, para destacar a infância do início do século XX.

No **segundo capítulo** é discutido como o discurso arcaico da sociedade rural, é capaz de proporcionar no (corpo) mudanças comportamentais. Carlinhos ao chegar no engenho Santa Rosa, passa por um processo de absorção de costumes e práticas da sociedade patriarcalista açucareira paraibana, no qual ele é conduzido pelo ambiente natural a viver de forma livre, sem submissões, sem disciplina. Um corpo repleto de liberdade que se torna libertino para alcançar um processo de “maturação” mais rápido, por meio de uma prática que torna os meninos homens, a iniciação sexual, que é enxergada como uma forma de antecipação da vida adulta.

Finalmente, o **terceiro capítulo** refere-se ao discurso do corpo adestrado, comportado, e civilizado da modernidade. Problematizo como Carlinhos que antes vivia no espaço incivilizado do engenho, passa a morar no colégio interno Nossa Senhora do Carmo na cidade de Itabaiana, e a se chamar Carlos de Melo. É nesse espaço que o corpo do “menino bicho” passa por um processo de adestramento, no qual e por meio do discurso da disciplina, ele é transformado num sujeito cujo corpo é retirado toda a incivilidade e atraso da vida rural, tornando-se um corpo vazio para o processo de alteridade que o discurso moderno impõe, do corpo submisso, do corpo civilizado, do corpo educado.

## 1. PERCURSOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

*História e Literatura, ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro. (Pesavento, 2008, p.81).*

É partindo dessa epígrafe que iniciamos os percursos traçados no campo da historiografia e da literatura, tomando esta enquanto fonte para o métier do historiador. A possibilidade do uso da literatura enquanto fonte para os estudos aplicados no campo da história é recente, pois com a emergência de novas correntes historiográficas, a exemplo da História Cultural, na qual a história passa a ser pensada no campo da cultura; o uso de obras literárias passou a ser mais disseminado, à medida que a literatura passou a ser compreendida como uma manifestação cultural, como uma leitora dos acontecimentos históricos, na qual ela possibilita o “registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões do mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como espaço de pesquisa”. (MENDONÇA, 2003, p.2).

De acordo com Pesavento (2008, p.15) “[...] Trata-se, antes de tudo, de pensar cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, são várias as formas, dentre elas, a sensibilidade os discursos, imagens, subjetividades, literatura e etc. Nessa perspectiva, mesmo que a fonte literária trate de contextos específicos da História, ela é capaz de adentrar em outro espaço, o da sensibilidade e subjetividade, ou seja, é uma fonte sobre os rizomas<sup>3</sup> que compõem uma sociedade representada por um conjunto de indivíduos, mulheres, homens, crianças, ricos e pobres.

Podemos considerar a história como integrante de um rizoma, cheio de raízes cuja história movimenta-se por elas ora territorializando-se ora reterritorializando-se. A literatura é uma força na qual fez o discurso historiográfico cristalizado, territorializado, sair de seu

---

<sup>3</sup> Em botânica, chama-se rizoma a um tipo de caule que algumas plantas verdes possuem cujo crescimento é horizontal e muitas vezes subterrâneo, podendo também ter porções aéreas. Certos rizomas, como em várias espécies de capim (gramíneas), servem como órgãos de reprodução vegetativa ou assexuada, desenvolvendo raízes e caules aéreos nos seus nós. Em outros casos, o rizoma pode servir como órgão de reserva de energia, na forma de amido, tornando-se tuberoso, mas com uma estrutura diferente de um tubérculo Moreira (2010) apud (VIDAL; VIDAL, 2003, p. 102). Um rizoma é uma segunda espécie de conjunto de linhas. Um primeiro conjunto de linhas é aquele no qual uma linha é subordinada ao ponto, à verticalidade e horizontalidade, que estria o espaço, faz um contorno, submete multiplicidades variáveis ao Uno, ao Todo de uma dimensão suplementar ou suplementaria. As linhas deste tipo são as linhas molares, e formam sistemas binários, arborescentes, circulares e segmentários. Um rizoma é totalmente diferente deste primeiro tipo de linhas, o rizoma não é exato, mas um conjunto de elementos vagos, nômades, de maltas e não de classes: "Do ponto de vista do pathos, é a psicose e sobretudo a esquizofrenia que exprimem estas multiplicidades." (DELEUZE e GUATARRI, 1997: 221)

lugar de conforto, o lançando para fora de si mesmo, se reterritorializando-se. A literatura diferente da história não encara a realidade como ela é, algo cristalizado, pronto, fixo e racional, ela é algo a ser pensando, a ser subjetivado. Segundo Albuquerque Júnior (2006, p. 6), “[...] a literatura é que pode falar deste mundo informe das sensações, mundo que está próximo do inumano. A história apenas se debruça sobre aquilo que nos faz ser, cada vez mais, humanos”.

Muitos autores em suas produções literárias demonstram a sua ligação com um referencial histórico, mesmo que não se apresente muito bem nas obras, é partindo dessas referências que esse primeiro capítulo busca mostrar os percursos entre esses dois campos do saber científico, suas proximidades e distanciamentos, a relação entre história e literatura. A Literatura é uma arte coletiva, criada pelo indivíduo carregado de um conjunto de valores de seu tempo, para Cândido (2000)<sup>4</sup> as relações entre o literário e a sociedade é como um veículo que nele contém as mais profundas inspirações individuais. A palavra literatura origina-se do termo latim *littera* que significa letra e uma de suas definições significa a arte de criar e compor textos, sendo uma arte, está composta por discursos de uma determinada época.

Todavia, o referido termo fica condicionado ao que Wellek e Warren (2003) chamam de “literatura imaginativa” limitando-a a arte poética e ficcionista. É dentro desse espaço, o da escrita com uma linguagem que leva consigo as emoções mais fortes presentes no dia a dia expressas pelo literário, que surge a linguagem cotidiana<sup>5</sup>, que está presente nas obras literárias e é capaz de articular elementos externos para a escrita das obras. A literatura é enxergada como algo doce, mas, ela também demonstra ir além de algo apenas degustável aos olhos e imaginação dos seus usuários, ela pode ser útil, ou seja, são em traços doces e deliciados de uma narrativa composta de uma linguagem poética que são expressas as mais profundas sensibilidades do autor, promovendo ao indivíduo que faz uso, reflexões mais profundas sobre a obra literária.

O distanciamento com a utilidade da literatura é algo antigo, podemos citar o filósofo alemão Immanuel Kant que em meio ao século da racionalidade o XVIII com suas características como a exaltação do saber científico e a autonomia do homem por meio desse

---

<sup>4</sup> CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

<sup>5</sup> Ver em WELLEK e WARREN. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

saber racional, a arte pela arte não continha finalidade<sup>6</sup>. Podemos perceber a partir desse pensamento que não existia uma aproximação ou identificação da arte com o útil em termos de reflexões e problematizações, cabia para a arte à finalidade de servir como rotas de fugas do mundo real para com o imaginário. Todavia, nessa fuga para a ficção que a literatura captura elementos responsáveis por interligar as mais profundas emoções presentes numa sociedade que são externas ao literário, mas, que ele internaliza na sua escrita, são emoções, sentimentos e vivências do cotidiano de uma sociedade que o autor capta.

É por conter tais características acima citadas que ela é capaz de produzir sentimentos distintos no indivíduo, provocando discussões dos mais científicos a poéticos. A literatura é um discurso repleto de vivências, é um elo que liga o homem e o mundo, pois, para além da imaginação, ativa o intelecto do indivíduo trazendo e produzindo conhecimento, é o que podemos chamar de uma irrealidade que penetra na realidade permitindo assim observar as características do próprio homem. Mesmo que seja uma arte e esteja relacionada à imaginação, não deixa de estar ligada ao seu condicionamento histórico e social que levou a tal produção. Para o campo historiográfico é por meio dessa ligação com a realidade que podemos usar um texto de cunho literário como documento para a história de determinada sociedade.

A literatura não deixa de ser um saber científico que por muitas das vezes enfatiza certos ditos negligenciados pela história, por meio das representações são resgatadas ao palco principal vozes silenciadas<sup>7</sup>, além de indicar novas rotas de pesquisas e fontes para o métier do historiador. Para Pesavento (2006) a literatura é uma fonte especial para o historiador, porque ela promove o acesso ao imaginário, proporciona pistas e traços por meio de sua linguagem metafórica e sensível.

A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o

---

<sup>6</sup> Sobre o pensamento de Kant em relação à arte Leal Damasceno (2015. P.148) diz que a arte, em si, não possui uma finalidade prática no sentido de produção, tal qual uma cadeira ou uma garrafa de água. O objeto de arte é apreciável por si mesmo e não pela facilidade ou utilidade que ele pode fornecer àquele que o contempla, nem pela compensação financeira que pode proporcionar. Outra característica da experiência estética é a seguinte: ela não é uma atitude que visa à aquisição de conhecimento.

<sup>7</sup> O termo dos bastidores ao palco principal é usado por Maria Regina Celestino de Almeida em seu livro *Os Índios na história do Brasil* (2010) para designar o silenciamento que os índios tiveram por muito tempo promovido pela historiografia durante a história da colonização brasileira, destacando que eles tiveram sim papéis cruciais para os trâmites políticos durante o período de colonização do território brasileiro; que através da Nova história cultural esses personagens tão importantes para a história do país saíram da posição de bastidores na nova historiografia para o palco principal.

olhar do historiador se oriente para outras fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu (PESAVENTO, 2006, p. 10).

A partir do que foi apontado, percebemos que as discussões sobre a importância da literatura na representação de uma sociedade, de um corpo, em um determinado tempo, nos ajudam a vislumbrar visões de outros mundos, pois como diz Pesavento (2006, p. 3) “a literatura é discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas”<sup>8</sup>. Ela é um discurso sobre o que poderia ter acontecido.

Quando é discutido sobre a literatura enquanto fonte para a história a um debate sobre as fronteiras que tangem esses campos científicos, sobre qual desses dois campos de saber se aproxima mais da ficção.<sup>9</sup> A uma relação de confronto de ideias, sobre o que as aproximam e as divergem e o que caracteriza cada uma. É partindo de tais discussões que se faz necessário destacar alguns pensamentos e ideias que norteiam essa relação.

### 1.1. A história é narrativa? É ficção?

No seu livro *História e memória*, dentre outras atribuições para a história, Le Goff (1990) expressa o a palavra “história” a uma conotação narrativa, em outras palavras, uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na realidade histórica ou puramente imaginária, pode ser uma narração histórica ou uma fábula. Essa tensão entre uma aproximação entre história e literatura se dá principalmente a respeito das fontes usadas pelo historiador, à utilidade e validade das fontes orais e a narrativa enquanto instrumentos do historiador.

Segundo Paul Veyne (1988 apud LE GOFF, 1990, p. 39), “[...] a história é um conto, uma narração, mas um conto de acontecimentos verdadeiros”, ele compara a história a um romance, explicitando que ambos são feitos de intrigas, cabendo ao historiador se apropriar da

---

<sup>8</sup> Para Pesavento (2006) discutir o diálogo da história com a literatura implica percorrer as trilhas do imaginário: “[...] o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela seu referente”; a autora ressalta que tal campo de pesquisa começou a se desenvolver no Brasil a partir de 1990 revelando-se, desde então, um campo promissor na realização de estudos e publicação de trabalhos.

<sup>9</sup> A história e literatura apresentam divergências e confluências, ora se entrelaçando, ora promovendo um distanciamento. Para Chartier (2001) história e ficção estão próximas por utilizarem os mesmos procedimentos e as mesmas figuras, isto é, por usarem a escrita. A história, sendo escrita, compartilha com a ficção os procedimentos narrativos e, sendo representação de um passado, não seria exatamente objetiva, assim como não o é a ficção, a literatura.

intriga, existente na ficção, como recurso que possibilitará uma possível compreensão do real. Le Goff (1990) critica Veyne quanto à forma por ele usada, para Le Goff (1990), tal pensamento leva a uma não cientificidade da história, pois a maneira de pensar o métier do historiador pode confundir-se com a do literato. Le Goff (1990) também discorda dos positivistas, que pretendem banir toda a imaginação do trabalho histórico, para eles ficção e realidade são coisas distintas, o uso da imaginação seria usado apenas para os literatos, para os historiadores, apenas documentos oficiais que atestassem a veracidade histórica a qual eles buscavam. Mas para (LE GOFF, 1990, p. 40), o historiador pode recorrer a dois tipos de imaginação: “[...] a que consiste em animar o que está morto nos documentos e faz parte do trabalho histórico e a imaginação científica, que se manifesta pelo poder de abstração”.

Para os positivistas havia a preocupação com o desaparecimento da narrativa histórica na qual ainda é um conhecimento fruto de uma investigação, de uma enquete, que tem a preocupação com a "verdade", baseada em "testemunhos oculares" bem interrogados pelo historiador, Reis (1997) apud Momigliano (1983). Essa aproximação entre a História e a Literatura gera preocupações com essa narrativa histórica positivista, causa uma desvalorização das experiências pessoais na qual ela é pautada. O positivismo não necessita de uma proximidade com a literatura, pois ele apresenta-se com fatos imediatos e pronto que não requer o auxílio da imaginação individual para complementar, são fatos prontos, que não necessitam de muitos esforços para serem entendidos. É uma história tradicional e dos grandes acontecimentos, que olha a partir de cima, é elitista, qualitativa e biográfica que visava o particular, o individual e o singular, era legitimadora, partidária, comemorativa, uma narrativa justificadora do poder presente (LE GOFF, 1990).

Com a revolução epistemológica realizada pela *Nouvelle Histoire*<sup>10</sup>, ao promover uma mudança no conceito de tempo histórico, afastando-se da Teologia e da Filosofia e aproximando-se das Ciências Sociais, altera-se o conceito de História, pois está deixa de ser algo que o positivismo tinha como objetivo, que possuía uma linearidade, pautada no progresso e liberdade, em uma história emancipatória do indivíduo. Causando modificações no tocante ao métier do historiador, pois foram inseridas novas formas de enxergar fontes, métodos e técnicas. As fontes históricas passam a serem os documentos que tratem da vida cotidiana do homem comum, de suas ideias, feitos, valores e formas de representação da

---

<sup>10</sup> A *Nouvelle Histoire* que se introduz nos anos 1970 indicava todo o universo de historiadores novos, comprometidos com o espírito de um novo tempo e dotados de um novo fazer historiográfico [...] uma produção vasta e diversificada. REIS (2013, p. 316-317).

realidade. Possibilitando assim o interesse por muitos historiadores utilizarem a literatura como forma de compreensão de determinada época.

Se antes a documentação era relativa ao evento e seu produtor, o grande personagem histórico em suas lutas históricas, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial, revelando o duradouro, a permanência, as estruturas sociais. Os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças coletivas, às suas diversas formas de organização da vida social. [...] Todos os meios são tentados para se vencer as lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem risco, os considerados antiobjetivos. (REIS, 1994, p. 18-19).

Hayden White (1992) já dizia que a história não passa de uma narrativa cujo objetivo é prefigurar o que aconteceu por meio das ações humanas como referências. Todavia a história e a ficção literária não estão sob um mesmo universo, em termos comunicativos e linguísticos; como afirma Decca (1997, p. 28) “Ambas pertencem ao campo das narrativas que se constroem tomando como referência as ações humanas, mas existem diferenças nos seus modos de enunciação”. Esses dois campos científicos apresentam-se diferentes na maneira delas se referirem ao real, segundo Decca (1997, p. 29, grifo do autor), a ficção literária representa:

[...] uma estrutura simbólica, isto é, como uma outra narrativa que, seguindo outras estratégias, organiza, a partir de um outro referencial, os mesmos eventos humanos, sem precisar se valer da prova empírica ou da evidência, prerrogativas indispensáveis de uma narrativa que se pretende científica, como é o caso da história. [...] Segundo Todorov, em seu artigo *Les catégories du récit littéraire*, devemos distinguir a história do discurso, pois a história, isto é, os acontecimentos, as personagens, corresponde à realidade que deve ser prefigurada no texto narrativo, ao passo que o discurso seria o modo que um narrador utilizaria para tornar compreensível para os leitores uma determinada realidade.

Sendo assim, a História é o lugar de produção real dos acontecimentos no qual acontecem às ações e relações que envolvem os personagens sejam grandes ou pequenos, cabendo à contextualização dos eventos a narrativa, que seria o plano da expressão utilizado pelo historiador. Para Aristóteles, a História seria a narrativa do que aconteceu distinta da literatura, que seria a narrativa do que poderia ter acontecido, ou seja, a história apresenta-se com um regime de veracidade. Para Paul Ricoeur (1994), a poética da narrativa elabora um terceiro tempo, o tempo histórico, este por sua vez mediador entre o vivido e o tempo cósmico: A história, nesse sentido, pertence à hermenêutica da experiência humana em sua dimensão temporal (DOSSE, 2001, p. 72). No diálogo com Ricoeur (1994), ele afirma que o

discurso do historiador pertence à classe das narrativas, aproximando-se com a ficção, mas por outro lado apresenta uma total impossibilidade.

A história e a ficção referem-se ambas à ação humana, embora o façam na base de duas pretensões referenciais diferentes. Só a história pode articular a pretensão referencial de acordo com as regras de evidência comum a todo o corpo das ciências, ao passo que, "as narrativas de ficção podem cultivar uma pretensão referencial de outro tipo, de acordo com a referência desdobrada do discurso poético. Esta pretensão referencial não é senão a pretensão de redescrever a realidade segundo as estruturas simbólicas da ficção. (DECCA, 1997, p.28 apud RICOEUR, 1994).

Partindo dessa nova perspectiva dos documentos enquanto fontes para a História referentes à vida cotidiana, a Literatura pode ser compreendida como forma de expressão não apenas artística mais também de representação do próprio mundo. É um elemento de interligações entre a compreensão de realidades e cotidianos sociais, demonstrando assim, que pode revelar fatos negligenciados ou simplesmente destacar novas formas de enxergar tais fatos, pois é permeada de sensibilidades e valores, que permitem ao historiador revelar o imaginário coletivo ou individual de uma sociedade, sendo assim, é uma forma singular de expressão de realidades, nascente de leituras plurais que possibilitam inúmeras formas de enxergar sinais inacessíveis por outros tipos de fontes.

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a Literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma (PESAVENTO, 2008, p. 82-83).

A discussão entre Literatura foi por muito tempo negligenciado no espaço acadêmico por considerar a literatura apenas como ficção. Todavia, como vimos acima, ambas partilham características em comum ainda que mantenham suas especificidades. Sendo assim, devemos enxergar a literatura enquanto documento importante para a captação de características de determinadas sociedades, antes silenciadas pela historiografia. Tendo em vista esse novo olhar historiográfico, partimos para analisar, a influência na escrita de José Lins do Rego e a memória enquanto fator importante para suas narrativas visualizadas como formas de representação da sociedade e principalmente na formação Homem de família, do senhor de engenho da primeira metade do século XX da sociedade açucareira paraibana.

## 1.2. Decadência e memória em Lins do Rego

Durante o fim do século XIX e início do século XX, ocorreram mudanças que atingiram várias esferas da sociedade brasileira, mudanças como a abolição da escravidão, proclamação da república, a expansão das cidades e modernização de capitais através de uma recém-chegada industrialização, que tecem o ritmo de uma sociedade moderna e burguesa aos moldes capitalistas. É nesse contexto em que emerge uma preocupação com a identidade nacional, que também se reflete na literatura. De acordo com Sevckenko (1999, p.237), “[...] poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história”.

Considerando a produção literária como um dos veículos responsáveis por tecer discursos que constituem esse período histórico, que enfatizo as produções literárias de José Lins do Rego sob influência do universo literário que o envolvia naquele período. O regionalismo literário, que se intensificou durante os anos 30 do século XX, a partir de uma perspectiva de paisagismo histórico, compondo a imagem do Brasil a partir de diversas áreas e populações do país. “Era um momento de afirmação de brasilidade por meio da diversidade”, (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2011). São produções que juntam elementos do folclore e da cultura popular, responsáveis por enfatizar um projeto naturalista-realista cujas produções literárias tendem a se aproximarem ao máximo ao meio ao qual o literário pertence. Por isso esse período inicial do século XX é tão marcante quanto aos autores em sua maioria pertencerem a oligarquias, votaram-se para escrever a partir de seu local familiar.

A literatura de José Lins do Rego é influenciada diretamente pelo pensamento do sociólogo e amigo Gilberto Freyre<sup>11</sup>. Nesse período, o próprio Freyre o incentivava a escrever sobre a família, ou seja, sobre as relações de poder que as famílias de senhores de engenho detinham sobre determinadas localidades, é por meio de incentivos como esse que Freyre

---

<sup>11</sup> Gilberto Freyre (1900-1987) foi um sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Autor de "Casa Grande & Senzala" que é considerada, uma das obras mais representativa sobre a formação da sociedade brasileira. Recebeu o Prêmio Internacional La Madonnina, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, a Grã-cruz de Santiago de Compostela, entre outros. Nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 15 de março de 1900. Filho do professor Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre. Estudou no Colégio Americano Batista, no Recife, onde se bacharelou em Letras, sendo o orador da turma. Aos 17 anos, foi para os Estados Unidos como bolsista, fixando-se no Texas, onde estudou Artes Liberais, com especialização em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor. foi um sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Autor de "Casa Grande & Senzala" que é considerada, uma das obras mais representativa sobre a formação da sociedade brasileira. Recebeu o Prêmio Internacional La Madonnina, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, a Grã-cruz de Santiago de Compostela, entre outros. Entre 1933 e 1937 escreveu três livros voltados para o problema da formação da sociedade patriarcal no Brasil: "Casa Grande & Senzala", "Sobrados e Mocambos" e "Nordeste".

juntamente com Lins do Rego que surge o Movimento Modernista<sup>12</sup>. Este movimento que surge no Nordeste busca legitimar a autonomia do movimento regionalista e tradicionalista em relação ao paulista.

Para Freyre, o Movimento Moderno paulista era desnacionalizador, tendo em vista que não estavam pautados na tradição nacional, diferentemente deles que pertenciam a famílias patriarcais, que realizaram verdadeiros desdobramentos no solo, que instalaram fazendas engenhos de açúcar, que fizeram parte de toda uma política-administrativa.

O movimento regionalista e tradicionalista volta-se para resgatar as narrativas populares da crescente modernização das cidades e campos, cabendo à memória utilizar a ficção como mecanismo de reencontros do homem com si próprio. Através dos romances de trinta<sup>13</sup> a maneira de expressar tais memórias ficou mais evidente nas temáticas das obras dos literários nordestinos, cujas temáticas voltam-se para o tradicional e moderno, fome, seca, dentre outros que buscavam constituir a identidade regional.

Por as obras serem de cunho memorialístico elas possibilitam a leitura de mundo de determinadas épocas, pois os “romances de trinta tem no trabalho com a memória a principal matéria”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 95). Embora essa a priori não seja minha discussão para o trabalho, se faz necessário salientar que o José Lins do Rego, foi capaz de dar ênfase ao homem como representante de uma sociedade em meio à decadência da sociedade por meio do regionalismo tradicional, que fez o homem o centro da narrativa em meio a um cenário do ciclo da cana-de-açúcar, cagaço e seca, tendo a presença humana como marca essencialista desse momento da sociedade brasileira.

José Lins do Rego<sup>14</sup>, neto de senhor de engenho, é criado pelo seu avô materno, estudou inicialmente na Paraíba e depois se formou em Direito, na cidade de Recife, como

---

<sup>12</sup> Esse movimento surge na cidade do Recife em 1924, agregando não apenas intelectuais voltados para arte e cultura, mas também para os que eram voltados para questões políticas locais e nacionais tendo em vista que [...] o regionalismo freyreano era um regionalismo de novo tipo, fruto da reorganização dos saberes, operado pela emergência da formação discursiva nacional popular. (ALBUQUERQUE, Jr. 2011, p. 95).

<sup>13</sup> Esses romances expressam a realidade conjunta de um povo, com suas características marcantes da região, relacionando o essencialismo estrutural da sociedade com as memórias dos autores, segundo Albuquerque Júnior (2011) o surgimento desses romances foram características das particularidades locais e principalmente da sociedade complexa e modernizante do início do século XX. Ocasionalmente uma substituição dentro do próprio campo literário antes predominado pela poesia, passa ser pelos romances que estavam correlacionados com as necessidades políticas de entender e explicar a nação e o povo.

<sup>14</sup> José Lins do Rego (1901-1957) nasceu no engenho Corredor, no município de Pilar, Paraíba, no dia 3 de junho de 1901. Filho de tradicional família da oligarquia do Nordeste açucareiro passou a infância no engenho do avô materno. Iniciou seus estudos no município de Itabaiana. Em 1920 ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Foi um escritor de grande renome, dentre suas obras podemos citar "Menino de Engenho", romance do

convinha aos filhos das elites paraibanas. É durante esse período que ele conhece novas pessoas e estabelece amizades, passando a ser influenciado pelo pensamento freyreano, como dito anteriormente.

Com a literatura do chamado ciclo da cana-de-açúcar de Lins do Rego, o personagem Carlos de Melo protagoniza a narrativa sobre sociedade açucareira nordestina em decadência e para, além disso, os vários discursos que ela continha. Pois nas falas desse personagem contém as memórias de experiências vividas que legitimam e dão vozes para as particularidades dessa sociedade, possibilitando compreendermos as relações de poder que existiam nesse espaço do engenho, ocupado não apenas pela família tradicional, mas também pelos que detinham o saber da moenda e das histórias de assombrações, as mulheres, homens e crianças negras.

Tendo em vista que esse trabalho tem como objeto de estudo três obras<sup>15</sup> de José Lins do Rego, se faz necessário compreender o norte de seu pensamento, pois embora suas obras tenham sido influenciadas por Gilberto Freyre elas são de cunho histórico, porque a rede de discurso da sociedade do início do século XX está contada e vivenciada em sua infância, algo que está mantida em sua memória individual e ao mesmo tempo coletiva dessa sociedade. Seus livros são pautados na memória e “ela tem como prioridade conservar certas informações”, (LE GOFF, 1990, p.423). O processo da memória no homem faz intervir não só as ordenações dos vestígios, mas também a releitura desses vestígios (LE GOFF, 1990, p. 424. apud CHANGEUX, 1972, p. 356). Ou seja, ao lembramos uma história que foi vivenciada, é incorporada nela, várias visões do mundo atual; cada sociedade contém consigo relações históricas e sociais que definem as lembranças que devem ser anexadas na sociedade, a memória é um processo de seleção constante e para além disso, é uma recriação do que vivenciamos individualmente ou coletivamente, que adquire novas experiências e significados que a influênciam em sua construção. Segundo Pollak (1992) a memória deve ser entendida como, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Portanto, a memória é uma construção individual e coletiva que edifica um caráter individual, tendo em vista que, a quem constrói, remete-se a sua própria perspectiva de

---

Ciclo da Cana-de-Açúcar, lhe deu o prêmio Graça Aranha. Seu romance "Riacho Doce", foi transformado em minissérie para a televisão. Integrou o "Movimento Regionalista do Nordeste". É patrono da Academia Paraibana de Letras. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, para a cadeira 25.

<sup>15</sup> Menino de engenho (2008a), Doidinho (2008b) e Meus Verdes Anos (2008c).

narrador, tornando a memória algo individual, mesmo fazendo parte de uma memória coletiva. Ela é seletiva e sofre alterações, é um documento para a História, ela está entre o passado e o presente, e por ela o passado é repensado a partir do hoje, possibilitando a imersão de características do real por diferentes lentes que propiciam uma melhor compreensão do próprio passado.

José Lins do Rego durante sua estadia na cidade do Recife, por estar nessa sociedade moderna divergente do engenho Santa Rosa<sup>16</sup> de aspectos rústicos para o tempo, foi capaz de incorporar em suas narrativas as subjetividades e sensibilidades da sociedade açucareira. Em seus escritos, destacou a soberania que os senhores de engenho detinham nas pequenas cidades, mesmo com a decadência dos engenhos de açúcar; também as noções de infância e masculinidade, indiretamente apontadas em suas narrativas, haja vista que esses termos ainda estavam sob construção, portando não eram aplicáveis.

É enfatizando o uso da memória, que José Lins do Rego torna seus personagens representações daquele momento histórico, uma vez que as obras aqui discutidas são pautadas na memória a qual deixa transparecer toda uma carga afetiva por meio de seus personagens. Por ele vivenciar e fazer parte desse mundo do engenho ele foi capaz de captar as imagens e sentidos dessa época rica e decadente, ou seja, ele faz arte para uma ficção memorialística, onde suas histórias são transformadas em escrita, recriando uma realidade com experiências vividas por ele e de outras pessoas por meio de sua imaginação.

José Lins do Rego embora escreva durante a decadência do sistema estrutural dos engenhos de açúcar, ele tem o intuito de mostrar o mundo real desse período. A infância é uma delas, e umas das discussões que esse trabalho pretende se pautar, destacando que a infância mostrada em suas narrativas por meio de Carlinhos, ainda estava em formação na sociedade brasileira, principalmente na rural. O menino Carlinhos representa a figura de um neto de senhor de engenho, pois o José Lins do Rego se projetou na figura desse personagem, mostrando o cenário arcaico da sociedade rural e os discursos desse meio responsável por ditar as regras de convivências e estrutura social.

Faz-se necessário discutir a infância em um âmbito mais geral e específico com suas determinadas características para que assim – como farei no próximo capítulo – possamos

---

<sup>16</sup> Santa Rosa é o Engenho fictício das obras de José Lins do Rego, é nele que a maior parte das narrativas dessa sociedade rural é descritas pelo autor.

compreender o personagem Carlinhos no seu meio rural e os agentes responsáveis por nutrir a forma como o corpo desse jovem vai se constituindo ao longo de sua estadia nesses espaços.

### 1.3. Infância um debate histórico

As narrativas do Lins do Rego sobre a infância do menino Carlos nos fazem indagar sobre as concepções de infância que perpassam suas obras e que estão no cerne deste trabalho monográfico. Afinal, como o autor relaciona infância, sexualidade, masculinidade? Como ele inscreve a infância nos espaços do engenho e do Internato? Pois, como aponta a historiografia, a noção de infância não é a-histórica. Especialmente quando analisadas as obras *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Meus Verdes Anos*, se faz necessário situarmos como essa a concepção de infância é tratada enquanto problema histórico.

Para tal partimos para um diálogo com Philippe Ariès (1975) em *História social da criança e da família*, hoje considerada uma obra clássica para o tema da infância. Segundo ele, o sentimento de infância não é natural, ou seja, nem sempre as crianças foram vistas do modo como as vemos na época atual<sup>17</sup>. Desse modo, o autor argumenta que durante a Idade Média a infância não era representada na iconografia, o que se tinham eram retratos de homens em tamanho reduzidos, sem qualquer expressão particular, segundo Ariés (1981) não havia lugar para a infância nesse mundo. Por volta do século XVI e XVII ocorrem mudanças em relação às crianças, na iconografia surge o gosto pelo retrato das crianças mortas, “indicava que as crianças começavam a sair do anonimato em que sua pouca possibilidade de sobreviver os mantinham” (ARIÉS, 1981, p.23). Entre os séculos XVI e XVII um traje especial é criado para distinguir as crianças dos adultos.

Essa especialização do traje das crianças, e, sobretudo dos meninos pequenos, numa sociedade em que as formas exteriores e o traje tinham uma importância muito grande, é uma prova da mudança ocorrida na atitude com relação às crianças. (ARIÉS, 1981, p. 100).

---

<sup>17</sup> Existem duas teses sobre o sentimento de infância: a primeira é a não compreensão dos adultos perante as particularidades da infância durante a Idade Média, segundo Ariés (1981) a criança era vista como uma espécie de adulto em miniatura, que estava cotidianamente ligada à rotina dos homens, não tendo nem roupas adequadas para diferenciá-las, além disso, eram vistas como seres frágeis devido à alta taxa de mortalidade existente no período, portanto não tinham muita significância diante dos pais, haja vista que a socialização entre pais e filhos não era como em nossos dias, logo a criança que não morria era integrada ao mundo adulto, por meio de trabalhos e jogos. A segunda fase é constituída pela moralização, ocorrida no final do século XVII como uma iniciativa eclesiástica, passando esta a disciplinarização moral e higiênica das crianças.

Demonstrando que mais mudanças significativas haviam ocorrido no tocante ao sentimento da infância, a criança antes sem muito apreço pelos pais passa a ter a conotação de carismática, delicada e afetuosa. As crianças passam a serem motivos de “paparicação” entre famílias nobres e pobres.

Outra mudança social importante para valorização da infância foi o incentivo a escola pelos moralistas da época, o que se tornou obrigatório no século XIX. Forma-se outro sentimento de infância, no qual se desenvolveu entre os moralistas e educadores da época, inspirando a educação até o século XX. As escolas modernas passaram a formar moralmente e intelectualmente de forma autoritária, um lugar onde não existem distrações, mas, disciplina.

[...] o apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. A criança não era nem divertida nem agradável: “Todo homem sente dentro de si essa insipidez da infância que repugna à razão sadia; essa aspereza da juventude, que só se sacia com objetos sensíveis e não é mais do que o esboço grosseiro do homem racional” (ARIÉS, 1981, p. 1004).

O cuidado com a saúde também é algo notoriamente pautado nesse período e que passa a ser de extrema importância para com a infância, os médicos estimulavam o cuidado com a saúde e higiene, os educadores do século XVII tratavam os corpos dos jovens de forma a mantê-los saudáveis porque “um corpo mal enrijecido inclina-se a moleza, á preguiça, á concupiscência, a todos os vícios”, (ARIÉS 1981, p.105). Havia uma preocupação externa e interna por parte da família que “preocupam-se coma higiene dos filhos, cuja aparência, a época, expressa sua honra”, (SOUZA, 2009, p. 29 apud MÜLLER 2007, p. 41).

A partir de tais mudanças a escola passou a ser um instrumento importante para preparação da vida futura dessas crianças burguesas, que se solidificou no tempo. Portanto Ariés (1981) é conciso em suas colocações quando diz que a particularidade da infância não será reconhecida e nem praticada por todas as crianças, pois nem todas vivem a infância propriamente dita, devido às suas condições econômicas, sociais e culturais. Sendo assim será abordado mais especificamente sobre a infância no Brasil, apontando elementos importantes para a compreensão acerca deste tema, analisando o contexto histórico e social.

Quanto ao contexto do Brasil, tal sentimento não chegou a tempo de seu progresso insipiente, da industrialização, do trem de ferro empurrando a modernidade consigo, pelo contrário, tais modificações na sociedade não exigiam adequações ao sistema vigente que estava imposto. Como afirma Del Priore (2013), ser criança no Brasil não foi fácil e

historicamente sofreram, passaram fome, maus tratos e foram escravas dentre outras dificuldades. E sobre a percepção da educação no país que era uma das formas de condicionar esse sentimento para os pequenos, ela afirma:

[...] tanto a escolarização quanto a emergência da vida privada chegaram com grande atraso. Comparado aos países ocidentais onde o capitalismo instalou-se no alvorecer da Idade Moderna, o Brasil, país pobre, apoiando inicialmente no antigo sistema colonial e, posteriormente, numa tardia industrialização, não deixou muito espaço para que tais questões florescessem. Sem a presença de um sistema econômico que exigisse a adequação física e mental dos indivíduos a esta nova realidade, não foram implementados os instrumentos que permitiriam a adaptação a este novo cenário (2013, p. 10).

Diante das características que o país herdava o Brasil se encontrava socialmente e politicamente negligente quando ao sistema de escolarização, pois não havia necessidade de uma instrumentalização do ensino para os jovens. O país ainda herdava a dor do sofrimento das crianças do período colonial.

Durante o Brasil colonial a infância é representada a partir da figura de três personagens, a criança portuguesa, o índio, e o negro. Ambas passaram por muito sofrimento, conheceram experiências terríveis, foram escravizadas e violentadas sexualmente, de acordo com Ramos (2007, p. 19). As crianças portuguesas “subiam a bordo das embarcações somente na condição de grumetes ou pajens, como órfãs do rei enviado ao Brasil para se casarem com súditos da coroa ou como passageiros embarcados em companhia dos pais ou de algum parente”, ou seja, elas saíam por muitas das vezes de seus locais naturais para o desconhecido repleto de perigo, no qual muitas acabaram por se tornarem escravas de trabalho, haja vista que nesse período as crianças portuguesas eram consideradas quase animais, pois a expectativa de vida eram de 14 anos e muitos só sobreviviam até os 7 anos de idade, por esse motivo as crianças não tinham muitas importância, as que sobreviviam eram destinadas a força de trabalho.

A infância era algo que não havia chegado por terras brasileiras, durante o século XVI, era algo novo no ocidente que estava se descobrindo e aqui foi por meio da igreja que se passou a descobrir esse sentimento, aos poucos, através das transformações ocorridas a partir do contato de sujeitos com grupos idealizadas principalmente pela Companhia de Jesus, que viu no índio um “papel blanco” a se escrever.

Os jesuítas no processo de colonização do país tinham o papel de catequisar os índios por meio de proposta pedagógica, no qual tinha como missão divulgar a fé cristã para

reconfigurar as crianças e evitar que seguissem os costumes dos adultos, pois a puberdade era vista como um momento de passagem entre a infância e a idade dos adultos, que era repleta de desejos carnisais, por tanto, demoníacos. As crianças que resistiam a esse projeto, os jesuítas diziam que estavam em “tentação demoníaca”, o mau já havia habitado neles.

Os jesuítas viam a catequese como forma de conservar a docilidade e a obediência da criança. Muitas crianças eram abandonadas pelos pais ou simplesmente fugiam dos colonizadores, essas ações que os jesuítas pregavam sobre a cultura das crianças indígenas não eram aceitas de forma passiva, segundo Chambouleyron (2007) após alguns anos dentro dessa nova vida eles passavam por momentos de rebeldia durante os anos de puberdade, o padre Anchieta salienta que “corrompiam-se e com tanta maior modéstia e desenfreamento se dão às bebedeiras e luxurias quanto com maior modéstia e obediência se entregavam antes aos costumes cristão e divinos ensinamentos”, (CHAMBOULEYRON, 2007, p. 68). Isso gerava preocupação por eles, pois mesmo que eles “moldassem”<sup>18</sup> esses corpos para a nova forma da vida, a cristã, eles ainda apresentavam suas tradições após seu crescimento para a vida adulta, muitos meninos voltavam aos costumes dos pais propiciado pelo abandono do “aprendizado recebido pelos padres”, (CHAMBOULEYRON, 2007, p. 68).

Já as crianças negras sofreram bastante no Brasil, principalmente no decorrer da escravidão, o país durante o século XVIII continha cerca de 65 mil escravos e a quantidade de crianças escravas chegavam a ser um terço desse montante, muitas vindas da África morriam antes mesmo de ancorar em terras brasileiras, mas em sua maioria as crianças escravas nasciam no Brasil. Essas crianças eram destinadas após os 4 anos a passar por um processo de adestramento, forçadas a trabalhos compulsórios, e após a chegada da idade adulta, que era por faixa dos 11-12 anos, eram destinadas ao mercado com um valor muito mais alto. Segundo Góes e Florentino (2007, p. 185), “diria Machado de Assis. Aprendia um ofício e a ser escravo: o trabalho era o campo privilegiado da pedagogia senhorial”.

José Lins do Rego registra, no início do seu livro *Menino de Engenho* (2008a), uma passagem sobre uma criança negra que está associada ao trabalho que as crianças negras faziam durante esses primeiros anos do século XX nos engenhos de açúcar<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Expressão utilizada pelo autor Rafael Chambouleyron em seu artigo: **Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista.**

<sup>19</sup> É importante salientar que embora a escravidão tenha sido encerrada em 1888, muitos negros e famílias de ex-escravos permaneceram juntos dos seus antigos senhores, na condição de moradores, principalmente no Nordeste onde a estrutura social e política não as favoreceram.

[...] Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco. O meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou, e o pretinho me sacudi para a garupa. Era o meu primeiro ensaio de equitação. (Rego, 2008a, p. 38).

Por se tratar de um neto de senhor de engenho o Carlinhos goza de liberdade, e o convívio entre ele e as crianças negras eram algo comum, todavia havia momentos de separação, onde a estrutura social fica mais evidente e o sentimento de infância que não estava adequado para a sociedade rural também; “[...] Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando lata de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral” (REGO, 2008a, p. 40). Assim como visto anteriormente, as crianças negras eram destinadas a certas funções como uma espécie de profissão, as crianças negras que viviam no engenho ainda desempenhavam funções de adultos, e o sentimento de valorização da infância que estava aos poucos emergindo nessa sociedade, não a atingia como um todo.

A valorização da infância, ou melhor, da criança como apontado antes inicia-se com os jesuítas, mas é com a família que se potencializa. Ainda durante o período colonial os pais passaram a ter um maior sentimento de proteção pelos pequenos, pautados numa estrutura com base na educação para uma vida adulta confortável<sup>20</sup>.

José Lins do Rego ainda destaca essa preocupação em *Menino de Engenho* que se consolidou nessa sociedade. Em uma passagem o personagem Carlinhos em conversa com sua prima Lili, ela diz que sua mãe quer uma moça requisitada aos moldes da sociedade da época, “ela quer que eu toque piano e fale francês” (REGO, 2008a, p. 123). Desse modo, essas são características de uma sociedade que ainda respirava o Brasil Império.

Outra característica dessa maior valorização da criança era a preocupação da família e dos moralistas, logo que vão crescendo, acaba-se por substituir o mimo pela palmatória, “o muito mimo deveria ser repudiado, fazia mal aos filhos”, (DEL PRIORE, 2007, p. 97). As crianças passaram a ser mais disciplinadas pelos educadores, que em sua maioria eram religiosos e criticavam a forma como os pais os mimavam, apoiavam concepção do castigo

---

<sup>20</sup> Segundo DEL PRIORE, (2007, p. 84-85), a sociedade que estava se formando no Brasil do século XVIII, continha como um dos objetivos a preparação das crianças para a vida adulta. O seu cotidiano era regrado a tarefas cujas tinham a finalidade de lhes aproximarem da vida dos adultos, as “[...] crianças iam trabalhar desenvolvendo pequenas atividades [...] ou aprendiam algum ofício, tornando-se aprendizes”. Por ser um momento de transição era nesse período que essas crianças eram condicionadas para um futuro. Para os meninos cabia aprender algum ofício, enquanto as meninas eram destinadas, aos afazeres domésticos, noções básicas de matemática e letras, além de música.

como correção para os vícios<sup>21</sup>. Segundo Del Priore (2007) o uso da palmatória na formação da educação brasileira não era apenas um ato de correção, mais também de uma boa educação de acordo com o documento por ela analisado que continha o seguinte:

[...] a palmatória era o instrumento de correção os deixa esquecer-se do respeito que devem conservara quem ensina [...] e tão somente usarem dos golpes das disciplinas ou palmatórias quando viem que é repreensível preguiça é a culpada dos seus erros e rudez das crianças, a cúmplice da ignorância. (DEL PRIORE, 2007, p. 97-98).

Com o desaparecimento das “rodas” de expostos novas formas de proteção emergiram, ordens religiosas fundaram orfanatos, asilos, foram criados liceus de ofício para evitar as crianças nas ruas e darem a elas profissões<sup>22</sup>. A filantropia foi o modelo que entrou no Brasil em 1930, se adequando as mudanças sociopolíticas do país, para Marcilio (2016, p. 76):

A filantropia surgia como modelo assistencial, fundamentada na ciência para substituir o modelo de caridade. Nesse termo a filantropia atribui-se a tarefa de organizar a assistência dentro das novas exigências sociais, políticas, econômicas e morais, que nascem com o início do século XX no Brasil.

Como pode ser observado, o sentimento de infância foi se constituindo ao longo dos anos, foram muitas episódios considerados tristes na contemporaneidade enfrentados pelas crianças; mortalidade, escravidão, a falta de afetividade dos pais e o abandono. Esse valor sentimental foi ao longo do tempo se consolidando e permitiu que as crianças fossem enxergadas a partir de suas particularidades e personalidades, pois tais discussões e preocupações com a vida das crianças abriu espaço para a valorização da infância, permitindo o seu lugar na sociedade.

No universo de Lins do Rego, práticas e costumes herdados das sociedades coloniais e imperiais ainda estavam em voga, por isso a definição de infância não estava consolidada nessa região rural do Brasil, a várzea do Paraíba. No capítulo seguinte irei mostrar como essa não adequação a infância é visível neste espaço, por meio da sexualidade precoce que era estingada como forma de autenticidade da masculinidade, do ser homem, portanto de adulto.

---

<sup>21</sup> Essa discussão sobre a escola como uma instituição disciplinar será mais adiante feita a partir do espaço de vivências do personagem Carlos de Melo, do romance Doidinho, (2008b) de José Lins do Rego.

<sup>22</sup> O abandono de bebês recém-nascidos ou de crianças era uma prática comum nos séculos XVII e XVIII no Brasil colonial e mesmo posteriormente. Assim como ocorreu na Europa, no Brasil surgiram assistências para as crianças abandonadas, denominadas de “Roda”. A primeira roda foi implantada em Salvador, em 1726, posteriormente no Rio de Janeiro, em 1738 e a ultima em Recife em 1789.

## 2. CORPO DE MENINO, PROJETO DE HOMEM: A CONSTITUIÇÃO DO CORPO DO MENINO “BICHO” EM MEIO A LIBERDADE E LIBERTINAGEM

“Você está um negro, me disse tia Maria. Chegou tão alvo, nem parece gente branca. Isto faz mal. [...] de manhã à noite, de pés no chão, solto como um bicho”. (REGO, 2008a, p. 43). Assim, José Lins do Rego narra no sexto capítulo do livro *Menino de Engenho* (2008a) uma passagem em que sua tia Maria repreende Carlinhos<sup>23</sup> em relação ao comportamento que ele vem apresentando após sua chegada ao engenho Santa Rosa. Carlinhos ao sair da cidade do Recife<sup>24</sup>, uma das mais modernas cidades do Brasil durante o início do século XX, leva consigo, sonhos e imaginação de uma vida liberta, de uma vida de criança, para a várzea do Paraíba<sup>25</sup>, um local arcaico, mas que iria lhe proporcionar a vida de um “libertino”. São dois mundos diferentes: o arcaico do corpo livre, doente, rústico; o moderno, do corpo saudável, disciplinado e civilizado. Nesta parte do texto, iremos dar ênfase a esse mundo compreendido como arcaico e sua relação direta na formação do corpo do jovem Carlinhos.

A infância de Carlinhos é composta por signos da sociedade na qual vivia que mais adiante serão abordados, apresenta certa naturalidade em relação ao sujeito, como afirma José Lins do Rego em *Meus verdes Anos* (2008c) “aos poucos foi o engenho criando para mim uma fisionomia natural” ( p. 57). A infância é um espaço rememorado pelo autor por meio das lembranças do mesmo com relação à liberdade que engenho proporcionava. Essa naturalidade é apresentada em forma de um novo mundo.

Para um corpo que vivia trancafiado e por meio de seus pensamentos imaginando um mundo no qual pudesse estar junto a outros moleques brincados embaixo de pés de mangueiras, agora respirava e inspirava a liberdade, palavra essa do termo grego *eleutheria* que significa poder, do latim *libertas* que representa independência, ou seja, a sensação de estar livre, ao ver com “olhos de deslumbrando, [...] aqueles sítios, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali” (REGO, 2008a, p. 41), se tornarem real, ou seja, antes o que era apenas imaginação passa a se torna real, todavia a nova realidade cuja Carlinhos passa

<sup>23</sup> Carlinhos do livro *Menino de Engenho* (2008a) e Carlos de Melo do livro *Doidinho* (2008b) são personagens fictícios que representam as memórias de José Lins do Rego, enquanto Dedé de *Meus Verdes Anos* (2008c) é o próprio autor, em suas memórias de infância no engenho Corredor.

<sup>24</sup> Recife a capital do estado de Pernambuco, uma cidade que inspirava o progresso, a modernidade, constituída de avenidas largas para a circulação dos automóveis, de edifícios grandes, um grande centro urbano que estava adequando-se ao desenvolvimento tecnológico da modernidade, era uma sociedade regida pelo signo do progresso.

<sup>25</sup> A várzea do Paraíba são as localidades próximas ao Rio Paraíba.

a viver é um espaço composto por práticas cotidianas que fazem parte da cultura local na qual ele passa a fazer parte, pois ao se torna um menino matuto e rústico por meio da naturalidade que o espaço oferece ele deixa de ser um menino de cidade grande, cheio de delicadezas, de um corpo efeminado, de um menino civilizado.

Esse universo do engenho de açúcar, da casa grande, da bagaceira, das laranjeiras e mangueiras; produz para Carlinhos um sentimento de liberdade, ao ponto de modificá-lo a partir das relações sociais que o mesmo detém nesse espaço. O contato com o outro (homens, mulheres e crianças que viviam e partilhavam o espaço do engenho) o levam a se comportar de forma dual, ora um neto de senhor de engenho que vivia solto como um “bicho”, ora contrário a tudo o que um homem deveria ser enquanto neto de senhor de engenho, um homem “efeminado”, civilizado, educado e mimado.

O Santa Rosa um espaço que representava e apresentava vestígios de uma sociedade colonialista, cuja uma das características desse tempo era à liberdade oferecida as crianças e jovens. Portanto, o que seria esse menino “bicho” que a tia Maria e outros parentes frequentemente repudiavam ao ver Carlinhos exagerar nas suas brincadeiras, será que o menino estava se tornando incivilizado? Um futuro senhor de engenho?

Uma criança que sai de uma cidade moderna e passa a morar em outro espaço, o da sociedade rural vista como atrasada e que estava em decadência, totalmente divergente daquilo que ele vivenciava, de uma cidade em um ritmo frenético de modernização. É para Carlinhos um choque de realidade, são dois mundo, ele é transportado de um lugar civilizado para um lugar, no qual ao se depara com a incivilidade, com a animalização do homem, com um lugar que poderia ser remoto a sua época, mas faz parte dela. Segundo Norbert Elias (2011) o homem ocidental nem sempre se comportou como civilizado e se um homem da atual sociedade fosse transportado para uma época e lugar remoto a sua sociedade descobriria nele do que muito se julga incivilizado. Embora Carlinhos não tenha sido transportado para outra época, seu corpo foi se adaptando ao novo local, desde seu batismo para ficar “matuto”, as brincadeiras e vícios.

Um corpo civilizado seria aquele que está inserido em uma sociedade civilizada, para Norbert Elias: “civilização<sup>26</sup> refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da

---

<sup>26</sup> O conceito abordado por mim refere- ao encontrado na obra *O Processo Civilizador v.1*. Norbert Elias fez uma ampla análise social e histórica na Europa Ocidental, na escrita da obra *O Processo Civilizador*. Ele pôde perceber as variantes que a expressão tem, na França a palavra civilizado tem intuito de distinguir as pessoas

tecnologia, ao tipo de maneiras, aos desenvolvimentos dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes”. (ELIAS, 2011, p. 23). Ou seja, para Carlinhos ser inserido nos padrões da civilidade ele deveria seguir as regras, normas e estilos que são divisores sociais, econômicos e políticos. Para assim ser aceito num padrão de civilidade. Todavia, para ele se torna civilizado ele teria que largar a liberdade, e a maior parte do tempo em que esteve no Santa Rosa a liberdade pairava no ar e o conduzia ainda mais para a incivilidade, uma vez que ele vivia em um estado de libertinagem do termo francês *libertinage* significa devassidão, alguém que é licencioso, que abusa da liberdade, é a extrapolação da liberdade. Carlinhos vivia um estado de libertino, portanto não estava inserido nas regras sociais que eram necessárias para ser civilizado, segundo Carlinhos, a partir do momento que a tia Maria o viu ultrapassando os limites da liberdade, ela o proibiu, “[...] proibiu-me da liberdade que eu andava gozando como libertino”. (REGO, 2008a, p. 46).

É a partir do espaço do engenho, que o corpo sai de um estado inercie, e passa a movimentar-se; ganha forma tornando-se um sujeito de uma determinada realidade cultural e social de uma época. A liberdade está no contato com moleques da bagaceira, com os homens e mulheres que partilhavam o cotidiano do engenho com Carlinhos. O conduziam por meios de brincadeiras e histórias não apenas para a libertinagem, mas também para uma pedagogização do corpo, que por fazer parte da cultura local passavam por despercebidas por aqueles que ali viviam, e, portanto, para esse corpo que ali se desenvolvia enquanto sujeito.

Neste capítulo serão feitos cruzamentos de informações a partir das narrativas das obras *Menino de Engenho* (2008a) e *Meus verdes Anos* (2008c) para podemos entender como o corpo do jovem foi se constituindo, para isso o espaço do engenho e de seus arredores, juntamente ao sentimento de liberdade/libertinagem que o lugar propiciava será o ponto

---

nobres, polidas e cortesias, das desprovidas destas qualidades, as incivilizadas. Já na Alemanha, os alemães *civilisation* apresenta valor secundário, ligado à aparência, a superficialidade, podendo se observar que esta terminologia é diferente entre os países, pois cada um possui seus conceitos e objetivos, impossibilitando somente uma tradução. O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais. O conceito alemão de *Kultur* alude basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos e apresenta a tendência de traçar uma nítida linha divisória entre fatos deste tipo, por um lado, e fatos políticos e econômicos e sociais por outros. [...] Esta palavra, o conceito inerente a *Kulturell*, porém, não pode ser traduzido exatamente para o francês e o inglês (ELIAS, 1993, p. 24). É importante ressaltar que o conceito de civilização diferenciava-se de um país para outro conforme sua tradição e costumes. A França ganhou destaque como país mais desenvolvido na economia e na política. Esta realidade fez com que a França passasse ser o modelo de civilização para a Europa ocidental, enquanto a Alemanha sofre com os problemas sociais. Além de desprestigiado os nobres alemães copiam o modelo francês chegando a falar francês na corte alemã. A aplicabilidade do conceito da palavra civilização aos moldes franceses da época alterou os costumes, transformando o contexto social de diversos países modelado pela nobreza francesa. Este modelo serviu de referência as demais classes sociais que propiciaram copiar os exemplos de civilização apresentado pela corte.

central da discussão, assim como a influência do outro para o copo desse jovem e de que forma as vozes do outro interferem na formação de si.

## 2. 1. A voz do outro na construção de si

Toda construção seja ela, material, ou subjetiva parte de um determinado espaço, aqui este é o engenho; o Santa Rosa em *Menino de Engenho* (2008a) e o Corredor em *Meus Verdes Anos* (2008c). O engenho é um lugar que desde a época da colonização é visualizado enquanto um espaço de violência e libertinagem, nas obras de Lins do Rego aqui analisadas não há uma narrativa explícita sobre a violência de senhores de engenho para com os seus moradores, uma vez que este local já não é aquele cujos senhores agiam de forma violenta com as pessoas, pelo qual se justificava o seu poder de autoridade. Porém, ao se tratar da liberdade/libertinagem, apresenta uma forte narrativa, dado que a infância é o espaço temporal tecido pelo autor para a escrita dos livros.

O engenho não era apenas um espaço de traços e vestígios do colonialismo, não era apenas um lugar de submissão, de exercício do poder entre o senhor de engenho o negro, mulato, mulher ou criança; é um lugar no qual eram produzidos modelos sociais. Portanto, um lugar de produção de sujeitos. De acordo com o dicionário brasileiro a palavra engenho é definida como “propriedade agrícola onde se cultiva a cana e se produz açúcar e álcool”<sup>27</sup>, mas aqui não enxergo a partir dessa definição, analiso o espaço do engenho enquanto espaço de criação<sup>28</sup>, de formação de sujeitos, onde homens são fabricados pelo discurso da época, o do engenho enquanto espaço de produção de um homem da elite, patriarcal, rústico e viril.

O engenho é um lugar de contato com o outro, esse outro a exemplo, são os personagens encontrados em *Menino de Engenho* (2008a) na figura do avô de Carlinhos, o coronel José Paulino, sua tia Maria, seu amigo o negro Zé Guedes, as negras Galdina e Generosa, que representam por meio da memória de Lins do Rego a sociabilidade desse lugar. Esse o outro, é responsável pelos discursos que tecem a vida do Carlinhos. Ou seja, de acordo com Almeida (1997, p. 111), “o *outro* social que pelas relações e interações sociais e afetivas que propicia a criança, permite sua entrada no mundo simbólico da linguagem e da cultura”. A mudança da cidade para o campo permite a ele, a criação de um novo hábitat para um novo

<sup>27</sup> Dicionário Barsa da Língua Portuguesa. São Paulo: Barsa Planeta International ltda. 2005.

<sup>28</sup> Na língua portuguesa a palavra engenho também é um substantivo para definir a capacidade de criar, produzir e inventar.

corpo que a partir das vivências, dos afetos, e das emoções vai se edificando, neste espaço rural brasileiro.

A rede de sociabilidade existente na narrativa de Lins do Rego é a do engenho da época colonial; por ser o início do século XX esses costumes ainda pairavam diante da realidade enfrentada no cotidiano de homens, mulheres e crianças. “A senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pegada à casa-grande, com as suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabras do eito”.(REGO, 2008a, 88). Moleques, negros e negras, cujos sangues carregavam a hereditariedade da servidão, além, da ama de leite<sup>29</sup>, que nas obras aqui analisadas não aparecem diretamente exercendo esse papel assim como séculos atrás, mas que estavam de forma indireta exercendo esses ofícios, por meio do cuidado com o jovem senhor de engenho Carlinhos; a exemplo da negra Generosa que o mantinha sobre regras e cuidados uma vez que o mesmo que se encontrava órfão e necessitava de cuidados:

Restava ainda à senzala dos tempos de cativo. [...] as negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. [...] na rua a menina do engenho encontrava os seus amigos: os moleques que eram companheiros, e as negras que lhe deram os peitos para mamar; as boas servas nos braços de quem se criaram. Ali vivíamos misturados com eles, levando carão das negras mais velhas, iguais aos seus filhos moleques, na partilha de seus carinhos e de suas zangas. [...] a mãe-de-leite de d. Clarisse, a tia Generosa, como a chamávamos, fazia às vezes de minha avó. Toda cheia de cuidados comigo, brigava com outros por minha causa. (REGO, 2008a, p. 83-84).

Esse cuidado todo com o corpo dos meninos da casa-grande leva a uma efeminização<sup>30</sup> uma característica da modernidade, que nesse momento histórico estavam tentando substituir pelo corpo do moleque colonial, o libertino, aventureiro, um “bicho do mato”. Segundo Gilberto Freyre (2006) esse ambiente de liberdade propiciava aos moleques que estavam entrando na puberdade, uma virilização precoce, algo normal na sociedade colonial, como havia uma liberdade para os meninos brancos cedo vadiarem com os moleques safados na bagaceira, a descoberta do sexo era antecipada.

---

<sup>29</sup> Amas de leite eram as mulheres que amamenta crianças alheias quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo, durante a sociedade colonial esse encargo era dado às escravas que já tinham filhos.

<sup>30</sup> Essa palavra significa aquele que adquiriu traços femininos. Nessa sociedade o homem que antes pegava no pesado, o homem rústico, bravo e violento da sociedade Colonial estava sendo substituído por homens dedicados aos estudos, da República e sua Modernidade que ao invés de pegarem em peso, pegavam em canetas, que necessitavam de cuidados com os corpos saudáveis, o homem civilizado de bons comportamentos e sem traços de rusticidade.

Havia uma resistência por meio da sociedade rural em manter a rusticidade do homem, para isso, era na infância que os costumes desse homem eram revelados; como já dito anteriormente, a infância era um sentimento que ainda não estava consolidado na forma como conhecemos atualmente, portanto, o corpo dos jovens nos seus primeiros dez anos era deixado livre, liberto para brincar, caçar e experimentar; se tonando aquilo que Freyre chama de menino diabo<sup>31</sup>. Essa relação de liberdade conduzia Carlinhos e os demais moleques da casa-grande para uma relação de aprendizado como podemos observar a seguir:

O interessante era que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem.[...] Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas. [...] E nos iniciavam nas conversas picantes sobre as coisas do sexo. Por eles comecei a entender o que os homens faziam com as mulheres, por onde nasciam os meninos. Eram uns ótimos repetidores de história natural. Andávamos juntos nas nossas libertinagens pelo cercado. [...] A nossa doce inocência perdia-se assim nessas conversas bestas, no contato libidinoso com os moleques da bagaceira. (REGO, 2008a, 85).

Em *Meus Verdes Anos* (2008c) o personagem Dedé se vê diante de atos de libertinagem que desperta preciosamente a sua sexualidade:

[...] Os moleques sabiam de muita coisa, sabiam demais. E sabiam ensinar. O mais velho era Manuel Severino, já taludo, e o mais moço, Ricardo, com minha idade. [...] então vai-me chegando à memória, a proporção que escrevo, a conversa dos trabalhadores que vinham do Crumataú para os trabalhos do engenho. Falam sempre de mulheres. Via-os quase nus no sobradinho e com as pernas abertas dos touros, de pernas abertas e membros em riste, no deboche, as gargalhadas. [...] os moleques se exibiam em atitudes viris, assim como os trabalhadores do sobradinho. Manuel Severino masturbava-se na nossa vista. A princípio me senti diminuído, com vergonha porque não sentia as mesmas coisas. Aos poucos, o calor da vida foi aquecendo as minhas tenras de carnes de menino. (REGO, 2008c, p. 44).

Esse menino diabo de Freyre (2006), aqui chamo de “menino bicho”, por conter nele a figura de uma criança; cujo contexto sócio histórico de outro tempo resiste no cotidiano de homens, mulheres e crianças desse espaço. A representação de um homem, rústico, cruel e patriarcal é qual se é valorizada. Por isso, desde cedo à criança que nasce nesse território do

---

<sup>31</sup> Esse menino diabo era aquele livre no engenho, das brincadeiras mais desprezíveis, como “lascar o pião” ou “comer-se o papagaio”, passando pelos beliscões nas meninas e nos animais, a crueldade que reproduz o universo do adulto que chicoteia e usa a palmatória como modo de dominação do corpo escravo, a exercitar a crueldade da autoridade patriarcal.

engenho seja filho ou neto de senhor de engenho é deixado “livre” para que possa através do contato com o outro espelha-se. Segundo Almeida (1997), o outro tem a função de permite à construção da consciência de si e do mundo, o influenciando em todas as etapas da vida e desenvolvimento da criança, tanto no contexto das relações socioafetivas, no interior da família, quanto no contexto da escola e de outros grupos sociais. Portanto “o outro é fonte de identificações e de modelos que, (re) significados e internalizados pela criança constituirão a base e o núcleo de seu eu”. (ALMEIDA, 1997, p. 113).

Neste caso os senhores de engenho, pais, tios e avôs, são os espelhos dos moleques do engenho, assim para com Dedé em *Meus Verdes Anos* (2008c), cuja admiração pelo avô era notória, “olhava eu o meu avô, como se ele fosse o engenho. A grandeza da terra era sua grandeza [...]” (REGO, 2008c, p. 55). Essa admiração, esse estímulo é também narrado em *Menino de Engenho* (2008a), no qual fica mais clara a impressão de um senhor de engenho, rústico e violento de outro tempo, a época do Império, do homem macho.

O velho José Paulino governava os seus engenhos com o coração. [...] Meu avô falava das eleições da monarquia, dentro das igrejas. Os senhores de engenho iam até às armas, nas disputas. Brigavam pelos seus partidos, profanavam os templos de Deus, arrombando urnas e queimando atas. (REGO, 2008a, p. 100).

A liberdade/libertinagem desse espaço e o contato com o outro influenciava os moleques a uma vinda precoce da vida adulta, segundo Carlinhos seus impulsos tinham mais anos que a sua idade, o “sexo crescia em mim mais depressa do que as pernas e os braços”. (REGO, 2008a, p. 129). Por volta dos 10, 11 anos, os meninos já eram considerados homens em corpos de crianças, a partir do momento em que antecipação a atividade sexual ocorria, os primeiros contatos eram ainda nas rodas de sociabilidade entre os moleques mais “taludos”<sup>32</sup>, animais domésticos, a exemplo da galinha, da ovelha e vaca. Em um trecho da narrativa de *Meus Verdes Anos* (2008c), Dedé faz menção a esse contato com os animes, segundo ele:

[...] havia uma vaca chamada Selada, com defeito na espinha. Quando ia chegando à boca da noite, os moleques corriam com os primos para o fundo do Curral. Com pouco mais chegava-se para junto deles o pobre Selada. E começavam a servir-se uns atrás dos outros. (REGO, 2008c, p. 75).

---

<sup>32</sup> Essa expressão é utilizada por José Lins do Rego no livro *Menino de Engenho*, (2008) para dizer que entre as brincadeiras com outros moleques, havia aqueles que tinham o órgão sexual maior em relação aos órgãos dos demais moleques. Portanto, seriam mais experientes com relação aos descobrimentos do sexo.

Esse aprendizado sexual teria continuidade para os homens de uma sociedade falocêntrica, quando as mulheres passavam a substituir os animais. Posteriormente com mulatas ou negras que por ainda serem enxergadas enquanto submissas ao homem eram rotuladas como culpadas por despertar no moleque o apetite sexual. Como podemos ver a seguir na narrativa de *Menino de Engenho* (2008a) a negra Luiza aparece enquanto uma mulher superexcitada sexualmente, igualada a uma “besta”, como uma dissolvente da virilidade física e moral.

A negra Luísa fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas. [...], ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância. Ia me botar pra dormir, e enquanto ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me a coisas ignóbeis. [...] Levava-me para os banhos da beira do rio, sujando a minha castidade de criança com os seus arrebatamentos de besta. (REGO, 2008a, p.130).

Como Freyre (2006) diz “Nós, uns inocentinhos: “elas, uns diabos dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo””, (2006. p. 462). É com esse discurso sobre a mulher que aos 12 anos Carlinhos conhece uma mulher, Zefa Cajá como um homem, apanhando a “doença-do-mundo”. No qual o marcaria; o ritual de passagem da infância a vida de adulto, tornando-se um moleque com espírito de homem, se diferenciando dos outros:

Tinha uns 12 anos quando conheci uma mulher, como homem. [...] Ela me acariciava com uma voracidade animal de amor: dizia que eu tinha gosto de leite na boca e me queria comer como uma fruta de vez. [...] Apanhei doença-do-mundo [...]. E comecei a envaidecer-me com a minha doença. Abria as pernas, exagerando-me no andar. [...] Mostravam-me às visitas masculinas como um espécime de virilidade adiantada. Os senhores de engenho tomavam deboche de mim, dando-me confiança nas suas conversas. Perguntavam pela Zefa Cajá, chamavam-na de professora. — Puxou ao avô!. (REGO, 2008a, p. 143-144).

Havia a necessidade de se torna um homem, de ser enxergado enquanto homem perante outros homens, e o sexo era uma das formas de ser aceito. Esse contato incipiente do menino com a mulata ou negra era vista diante dos senhores de engenho como algo, a se comemorar. Carlinhos embora novo não saía da “casa da rapariga”; havia a concepção que desde novos os moleques da casa-grande fossem criados para se tornarem verdadeiros ganhões. E Carlinhos estava se tornando um verdadeiro herdeiro não apenas da família, mas de toda uma tradição do homem nordestino um ganhão, um ser viril. Pois, como diz Freyre (2006, p. 456) “[...] o que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas”. Havia a tradição do menino mal entrar em um estado biológico do corpo, no qual a libido estava despertando e já estava envolto aos braços, pernas e corpos de mulheres, que ao apanhar “doença do mundo” “tonavam-se rapazes. Seu trajo, o de homens feitos. Seus vícios, os de homens”. (FREYRE, 2006, p. 499).

Portanto esse contato precoce com a mulher era um símbolo de afirmação enquanto homem, biologicamente e socialmente. Segundo Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* (2000) na sociedade patriarcal a fase dos primeiros 10 anos de vida era vista como preparo para a vida de um homem que logo iria despertar, o homem era símbolo de prestígio, por isso, que se buscava se comportar, agir e pensar como um adulto:

[...] é verdade que a meninice nas sociedades patriarcais é curta. Quebram-se logo as asas do anjo [...]. Tamanho é o prestígio de homem feito, nas sociedades patriarcais, que o menino, com vergonha da meninice, deixa-se madurecer, morbidamente, antes do tempo. Sente gosto na precocidade que o liberta da grande vergonha de ser menino a inferioridade de ser Pávulo<sup>33</sup>. (FREYRE, 2000, p. 97).

Portanto os moleques da casa-grande faziam parte de uma sociedade na qual eram tecidas das relações de poder, essa cobrança em se tornarem logo homens mesmo que não estivessem preparados fazia parte da cultura local. Assim, é perceptível que os discursos sobre as sexualidades estejam dentro de uma prática discursiva das relações de poder. Desse modo, a construção:

[...] das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p. 18).

Esse discurso sobre a antecipação do sexo como forma de se converter em adulto era forte nas relações socioculturais dessa sociedade. Como podemos perceber a partir do que foi dito acima no texto, foi construída a “verdade” em volta do sexo. De acordo com Michel Foucault (2018):

O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido construído em objeto de verdade. (p. 64-65).

## 2.2. O macho é frágil?

Como vimos o engenho é um espaço no qual, relações são tecidas, é um lugar de enunciados, é o território do discurso do homem viril, do garanhão. Afinal o discurso é produto da sua época. Como venho ressaltando, o engenho mantém costumes de uma

---

<sup>33</sup> Termo utilizado na língua portuguesa de Portugal que tem o sinônimo de moleque.

sociedade atrasada para a época, é o engenho do carro de boi, do senhor de escravos, do homem viril, da intoxicação sexual<sup>34</sup>. Portanto, existe nesse lugar a tradição do homem “macho”, do latim “*masclus*” ou “*masculus*”, que significa ser do sexo masculino. Todavia, esse corpo dito como “forte”, sem “frescura” e “valente”, pode também ser um corpo frágil, biologicamente e socialmente.

De acordo com Albuquerque Júnior (2013) a vida do homem do nordeste, do senhor de engenho era regida a partir de um universo patriarcal; de valentia e liberdade, na qual desde cedo era despertada para os moleques da casa-grande esse universo da liberdade do despertar de uma vida sexual precoce, advinda das relações sociais ali tecidas. Esse apreço por uma vida sexual cedo dar-se pelo que Albuquerque Júnior (2013) chama de “homem macho”, o homem nordestino que é caracterizado por representar uma virilidade, por tentar resgatar o patriarcalismo, o homem rústico em contramão ao homem moderno. Para Albuquerque Júnior (2013, p. 150):

O homem nordestino é definido como um homem em contramão ao mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. [...] O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril, capaz de retirar sua região de passividade e subserviência em que se encontrava.

O discurso que construía o corpo do homem na sociedade açucareira era o da valorização do modelo familiar patriarcal, um macho viril frente efeminização que a política republicana junto ao projeto modernizante havia trazido. O coronel José Paulino, avô de Carlinhos, demonstra nas narrativas de *Menino de Engenho* (2008a) ser esse macho que mantinha vestígios de um homem que estava desaparecendo com a decadência dos engenhos. Por mais bondoso que ele aparentava ser para o neto, o enunciado criado para defini-lo demonstra que nele estavam contidas características do coronelismo, do senhor que exercia poder sob os subordinados, o homem que mantinham a ordem, o sujeito que ao tom de gentileza “controlava” com mãos de ferro suas terras:

[...]. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões do seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixa; e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca. (REGO, 2008a, p. 65-66).

---

<sup>34</sup> O espaço, o clima da sociedade açucareira, condiciona o corpo para o que Freyre (2006) chama de “intoxicação sexual” que está associado ao modelo econômico vigente, assim como sua estrutura de cunho escravista.

O meu avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco. (REGO, 2008a, p. 72).

Podemos perceber que o outro é importante para formação do eu, pois a imagem do avô é sinônima de inspiração para a formação do Carlinhos enquanto sujeito dessa sociedade. Mas o corpo do moleque da casa-grande apresenta certa fragilidade biológica, “mijou na cama! — Isto é lá homem! — dizia o velho José Paulino, quando soube da minha fraqueza”. (REGO, 2008a, p. 144), mesmo que ele tentasse se comportar como um adulto por meio da libertinagem, seu corpo ainda era fisicamente e biologicamente o de um moleque frágil<sup>35</sup>.

O engenho era um espaço de resistência dos corpos<sup>36</sup> em relação ao poder da sociedade moderna, mesmo assim certas influências da sociedade moderna mudaram um pouco o comportamento dos corpos dos homens do engenho, que historicamente adquiriu padrões impostos ao corpo, que foram construídos intencionalmente para diferenciar, qualificar e distanciar de outros sujeitos. Esse espaço arcaico é enxergado enquanto incivilizado. Segundo Carlinhos em uma conversa com sua prima Lili ela o diz “[...] mamãe conta que morando aqui a gente vira bicho.” (REGO, 2008a, p. 123). Ainda segundo o autor em *Menino de Engenho* (2008a):

As filhas do tio João, quando chegavam no engenho, revolucionavam os hábitos pacatos da casa-grande. Os moleques passavam o dia inteiro espantando os sapos das calçadas. Elas corriam das baratas, aos gritos. E até em nós esta influência se exercia; não tirávamos os sapatos dos pés, por causa da gente do Recife. A tia Maria desdobrava-se em cuidados, temendo a língua das parentas civilizadas. Uma delas dissera em carta para uma amiga da cidade que o povo do Santa Rosa só tinha de gente os olhos. [...] O Santa Rosa com as meninas do tio João parecia outro. A sala de visitas aberta o dia inteiro, as negras conversando baixo na cozinha, a tia Maria de vestido de passeio, os moleques pequenos, vestidos, sem as bimbinhas de fora. Às tardes, visitas de outros engenhos; brinquedos de prendas de noite, conversas sobre a moda e queijo-do-reino na mesa. Até o meu avô sem os seus gritos e palavrões para os moleques da estrada. (p.120).

<sup>35</sup> Segundo Albuquerque Júnior (2013) A modernidade estava modificando o corpo do homem, esse enquanto referência para a toda espécie, o homem é pensado no masculino e não havendo lugar para o feminino, e a palavra frágil condicionava um corpo delicado, logo delicado eram os corpos das mulheres. “Os homens das elites decantes, moles e impotentes das novas elites burguesas, homens delicados e de punho de renda, ou mesmo o morador pobre da cidade, efeminado por uma vida sem exercícios físicos duros, por uma vida que não era rustica, não servia como modelo para este novo homem que se pretendia criar, capaz de significar uma resistência viril contra esta cultura moderna e delicada que avançava, descaracteriza a região. [...]”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.186).

<sup>36</sup> Ver em FOCAUT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. (2018). p. 104.

Como podemos observar, ocorreram alterações das regras sociais a partir do momento em que pessoas “civilizadas” foram visitar o engenho modificando comportamentos e sentimentos dos sujeitos que ali viviam. Portanto, mesmo que dentro desse espaço rural, a delicadeza do sujeito moderno não fosse externada, ela fazia parte da formação do sujeito, do corpo do homem, da elite rural quando em momentos como o que foi narrado acima se fazia necessário externar a delicadeza da elite rural. No mais, dentro dessa sociedade, algumas práticas cotidianas passavam despercebidas, mesmo que façam parte da sociedade moderna a que esse homem tanto “resiste”. No espaço do engenho encontram-se não apenas signos da modernidade a exemplo dos rádios ou a radiola, mas também havia o cuidado com o corpo do moleque, com a formação desse sujeito. Esse cuidado de forma mascarada também efeminava o corpo do moleque. Segundo o autor na introdução de *Meus Verdes Anos* (2008c) ele foi uma criança frágil durante sua temporada no engenho Corredor:

[...] as borboletas estiveram misturadas a tormentos de saúde, a ausência de mãe, a desesperos de sexo. [...] a vida no engenho não me libertou de certos medos. A asma fez de mim um menino sem folego para as aventuras pelo sol e pela chuva. Tinham cuidados demasiados com a criança franzina que não podia levar sereno e tomar banho de rio, (REGO, 2008c, p. 26).

O cuidado com esse corpo acaba por destacar a realidade arcaico/moderna que existia; um corpo, livre feito um animal solto a natureza no qual deve aprender a viver é ao mesmo tempo, um corpo preso, pelo olhar vigilante, pelo cuidado do outro em relação a si; que impõe regras a um corpo que exige cuidados. Esse corpo torna-se o que a sociedade patriarcalista tanto repudiava o homem do corpo efeminado, aquele cuja masculinidade está se desvairando por ser frágil, um corpo que não podia levar muita poeira, que não pode ter contato com água quente dos rios. Em *Menino de Engenho* (2008a) Carlinhos era esse corpo frágil. “[...] a convalescença, sem poder pisar no terreiro, sem ir ao alpendre por causa do mormaço, do sereno, dos chuveiros”. (REGO, 2008a, p. 108).

Esse homem em corpo de menino era frágil, o cuidado do outro, a disciplina para com ele o faziam um “moleque moderno”; as histórias de assombração que fazem parte do cotidiano de engenho destacam-se por vigiarem o comportamento de homens, mulheres e crianças. Essas histórias de assombrações, cuja faz parte da cultura local do engenho, causam medo em relação aos possíveis males que o “ser” do “outro mundo” pudesse causar ao corpo do homem. Esse medo institui lugares nos quais o sujeito por temer uma reação que venha

causar danos ao seu corpo evitar passar ou deixa de frequentar; em *Menino de Engenho* (2008a) o autor faz menção à história do lobisomem:

Na mata do rolo estava aparecendo lobisomem. [...] Eu vi o vulto partir pra cima de mim, e larguei as pernas num carreirão de cavalo desembestado. Olhei pra trás, e só vi o mato bulindo com um pé-de-vento de arrancar raiz. (p. 75).

[...] E até grande, rapaz de colégio, quando passava pelos sombrios recantos dos lobisomens, era assoviando ou cantando alto para afugentar o medo que ia por mim. (p. 77).

Mesmo sendo contraditório, esse corpo dito “macho” também é frágil. Em *Meus verdes Anos* (2008c) Dedé mesmo após ter suas experiências sexuais iniciadas para se torna um “macho por excelência” tinha medo das histórias que circulavam no universo do engenho “[...] metiame medo à história do papa-figo.” (REGO, 2008c, p. 152.). Portanto mesmo diante da preocupação com a efeminização do homem nas primeiras décadas do século XX; o homem viril, o macho, o garanhão desse cotidiano do engenho, também compartilhava do medo da assombração, do mundo do além, do lobisomem; medo de um mundo invisível, de almas penadas, de um mundo encanto, de monstros, papafigo e lobisomens, tornando esse corpo, um corpo frágil, as possíveis punições do mundo do além. Como podemos observar a seguir em *Menino de Engenho* (2008), Manuel Severino mesmo sendo um adulto, um macho que trabalhava para o seu avô, aquele sujeito cujas características são do homem nordestino, valente, também não passa de um corpo frágil. “[...] Manuel Severino, quando voltava de uma novena, levava uma carreira do bicho. Ele mesmo contava: - eu vi o vulto partir pra cima de mim, e larguei as pernas num carreirão de cavalo desembestado”. (REGO, 2008, p. 75).

### 3. EDUCAÇÃO, DISCIPLINA E RELIGIÃO

A educação do início do século XX, como explicitada na escrita de Lins do Rego, não se diferenciava muito do anterior; embora já houvesse uma maior possibilidade de deslocamento, com a mudança de contexto, motivada por algumas transformações no campo, especialmente com construção estrada de ferro, os moleques da casa-grande permaneciam com os estudos em casa, ou com um mestre particular<sup>37</sup>. Essa forma de ensino em meio à liberdade que o local oferecia, tornavam esses corpos indisciplinados para com os estudos, como mencionei anteriormente, o engenho era um lugar cujas características do século anterior ainda estavam fortes.

A liberdade que era dada aos meninos da casa-grande era maior que o cuidado com a educação deles. Como vemos a seguir a instruções que a Tia Maria dava a Carlinhos de alfabetização não era levada muito a sério, pois para os moleques da casa-grande esse espaço era o da indisciplinada, da libertinagem:

Ficava eu horas a fio, sentado na sala de costura, com a carta de á-bê-cê na mão, [...] Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras não me entravam na cabeça” (REGO, 2008, p. 47).

Calinhos ao passar a estudar na vila do Pilar, sob a tutela de um mestre o dr. Figueiredo, passa a ser um corpo que irá receber a ensino da época, pautado na memorização, no qual o desenvolvimento do sujeito ocorre via repetição, “[...] a tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos” (REGO, 2008a, p. 63). Além disso, as noções básicas de português e matemática dentro desse universo da libertinagem serviriam para hierarquizar os meninos da casa-grande em relação aos da bagaceira que não “sabiam ler”. Em *Meus Verdes Anos* (2008c) o personagem narrador Dedé diz “ter sempre um tratamento de mestre” (REGO, 2008c, p. 130), em relação aos outros meninos que estudavam junto com ele. Em *Menino de Engenho* (2008a), Carlinhos diz que havia um regime de exceção “[...] Existia copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do coronel Zé Paulino”. Os outros meninos sentavam em caixões de gás”. (REGO, 2008a, p. 63).

---

<sup>37</sup> De acordo com Freyre (2006), até por volta dos anos 90 do século XIX, quando as estradas de ferro ainda estavam em desenvolvimento, a educação do filho de senhor de engenho era feita na casa grande sob a instrução do mestre particular ou capelão.

Como podemos ver esse processo ensino no espaço do engenho e de seus arredores não modifica em nada o comportamento do moleque da casa-grande, Dedé e Carlinhos mesmo estando sob tutela de mestres que lhes dão tratamento diferenciado, premassem no mundo da lubricidade e da liberdade. Diante do contexto dos anos 20 do século XX, tal postura não era mais aceita para a sociedade moderna emergente, embora houvesse resistência por parte da sociedade açucareira com o projeto moderno, a educação já se encontrava inserida, ainda que de forma insipiente. Por isso, a educação era importante para a constituição do homem. Educação que significa civilidade. Portanto, o corpo que vive feito um “bicho”, deve civilizar-se, modifica-se, e o colégio era o espaço de mudanças de comportamentos, pois, “menino só endireita no colégio” (REGO, 2008a, p. 10).

### 3. 1. Carlinhos agora é Carlos de Melo

O autor descreve no ultimo parágrafo do livro *Menino de Engenho* (2008a) a seguinte frase; “[...] Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo” (p. 149). Podemos perceber que a sexualidade associada à virilidade é tema recorrente por José Lins do Rego nessa obra. Todavia, a libertinagem que tanto orgulha os moleques da casa-grande, por ser sinônimo de uma vida adulta, passa a ser reprimido pelo próprio significado dessa palavra. Libertinagem aquele que extrapola a liberdade e passa a oferecer risco ao outro que é insubordinado e que não é submisso, ou seja, o sujeito que passa a oferecer risco ao próximo diante da liberdade exagerada, segundo o autor, Carlinhos:

[...] Corria os campos como um cachorro no cio, esfregando a minha lubricidade por todos os cantos. Os moradores se queixavam: - Ninguém pode deixar as meninas em casa com seu Carlinho. João Rouco deu-me uma carreira por causa do filho pequeno, que eu quis pegar. (REGO, 2008a, p. 145).

Continua:

Em junho iria para o colégio. – Lá ele endireita. Recorriam ao colégio como a uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigi-los nos castigos dos internatos. E não se importavam com a infância, com os anos mais perigosos da vida. Em junho estaria no meu sanatório. Ia entregar aos padres e aos mestres uma alma onde a luxúria cavara galerias perigosas. Perdera a inocência, perdera a grande felicidade de olhar o mundo como um brinquedo maior que os outros. Olhava o mundo através dos meus desejos e da minha carne. Tinha sentidos que desejavam as botas do Polegar para as suas viagens. (REGO, 2008a, p. 146).

Como podemos observar, o comportamento de Carlinhos está afetando a vida dos moradores do engenho. É um corpo com atitudes viris que está atrapalhando a sociabilidade de famílias do local, é um corpo que se encontra em conflito, sem saber o que pode acontecer com a liberdade que o tornou o “mal” assim como as negras o chamavam. Esse corpo deve passar por mudanças para que não atrapalhe mais a rede de sociabilidade. Além disso, deve se adequar aos comportamentos exigidos pelas elites das grandes cidades modernas e civilizadas pelo um processo alteridade que o colégio impõe a esses corpos, por meio do discurso da civilidade. Portanto há uma colonização<sup>38</sup> desse corpo, na qual o mesmo deixa de ser um “bicho” e passa a ser civilizado, por meio do discurso da sociedade republicana dos anos iniciais brasileiros, representados pela disciplina e moralização dos corpos dos jovens, no qual o colégio fica caracterizado como o lugar, da disciplina e que “amansa menino”.

Ressaltando que, as características do ensino oitocentista ainda estavam presentes nesses primeiros 30 anos do século XX. E de acordo com Mauad (2008) durante o final do século XIX, a educação era pauta de entrada de jovens para o universo adulto, ditando seus papéis sociais de homens e mulheres:

O que a educação e a escolha de certo tipo de instrução arbitravam era a forma de acesso da criança ao mundo adulto, definindo-se os papéis sociais do homem e da mulher desde a meninice. Aos meninos, uma educação voltada para o desenvolvimento de uma postura viril e poderosa aliada a uma instrução, civil militar, que lhe permitisse adquirir conhecimentos amplos e variados, garantindo-lhes o desenvolvimento pelo da capacidade intelectual. (p. 155).

A instrução escolar seria a responsável para modificar os comportamentos tidos como “primitivos”, fazendo com que os corpos desses moleques saíssem de um estado de libertinagem, no qual agem de forma arcaica e entrem no universo da civilidade, da moral e disciplina. Essa mudança social era conduzida pelo processo de formação do sujeito, ou seja, uma preparação para a vida adulta, para que esses moleques libertinos se tornassem homem civilizados capazes de assumir os negócios das famílias. E para isso era necessário à saída do meio familiar, os inserindo no ambiente escolar, o mais preparado para conduzir a moral e a conduta desses jovens para o universo adulto. Freyre (2006), por se tratar de um regionalista, faz menção a tristeza que era para os jovens saírem de seus habitats, para irem à escola, ou

---

<sup>38</sup> Conceito utilizado por Michel de Certeau em seu livro *A Escrita da História*, de acordo com ele a colonização do corpo ocorre pelo discurso do poder. Ele utiliza-se da colonização do novo mundo, para explicar que foram escritas nas páginas em branco que se encontravam (autóctones), pedaços do outro (europeu) no qual a história Ocidental foi fabricada.

para os internatos, deixando para trás suas vidas de alegres que a vida rural lhes proporcionava.

[...] Imagine a saudade que os meninos de engenho, acostumados a uma vida de vadiação, banho de rio, arapuca de apahnar passarinho, briga de galo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e os moleques, chmanego com as primas e as neguinhas- deixavam essas delicias para virem, de barçaça ou a cavalo, parando pelo caminho nos engenhos dos parentes e conhecidos dos pais, estudar nos internatos; ou mesmo nos externatos- neste caso hospedanodo-se em casa dos comssionários de açúcar ou café. (p. 506).

A educação surge como a responsável por nutrir as mudanças socioeducativas nos moleques, é uma força que os desterritorializam de um espaço, decadente, arcaico e incivilizado, e os colonizam em um novo território, o da disciplina, por meio da inserção de novos hábitos e costumes que os tornam civilizados. Durante os anos 20 e 30 do século XX, a concepção de disciplina estava acoplada com o a imagem positiva da sociedade e, desse modo, uma sociedade indisciplinada significava uma ameaça à estrutura social. De acordo com Passetti (2008) as ameaças à disciplina da sociedade estabelecidas nas décadas iniciais do país poderiam causar desajustes ao modelo de sociedade das primeiras décadas do século XX e, sendo assim, os corpos que não estavam sob o discurso deveriam ser enquadradas, sendo o internato um local destinado para crianças desobedientes e que necessitavam de mudanças.

Como explicita a literatura de Lins do Rego, no engenho aquela concepção não era forte. Mesmo fazendo parte da sociedade, era um local cujos meninos não se enquadravam no modelo de conduta tida que começa a ser institucionalizado e tido como civilizado. Desde filhos de senhores de engenho a moleques da bagaceira, viviam soltos à natureza, mantendo relações nas quais a lubricidade propiciada pelo espaço era despertada e potencializada. Quando Carlinhos sai correndo atrás de um menino, fica claro que esse corpo necessita de controle, de disciplina e de mudança. O internato parece ser a instituição escolar que poderia proporcionar a mudança de um estado “selvagem” para “civilizado”. Como podemos observar a seguir, o colégio interno seria o local cujo corpo<sup>39</sup> desse moleque seria docilizado<sup>40</sup> via

<sup>39</sup> Utilizamos corpo enquanto conceito de construção social e não no âmbito do que é biologicamente dado e visível. Ver em Confira FOUCAULT, M. **História da sexualidade I** – a vontade de saber. 7° ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2018.

<sup>40</sup> A disciplina aqui não é utilizada apenas enquanto seu significado de: regime de ordem imposta ou livremente consentida; regulamento; observações de preceitos e normas. Mas, a utilizamos enquanto conceito, esse de Michel Foucault, "disciplina" que fabrica corpos submissos e exercitados e os torna dóceis. Para Foucault, “a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). ou seja, ela dissolve o poder do corpo; faz dele, uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição. FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 42° ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 135.

disciplina<sup>41</sup> “Pode deixar o menino sem cuidados. aqui eles endireitam saem feitos gente-dizia um velho alto e magro para o meu tio Juca, que me levava para o colégio de Itabaiana [...]” (REGO, 2008b, p. 29).

É com a necessidade de mudanças de comportamento, de uma preparação para a vida adulta que o Carlinhos de *Menino de Engenho* (2008a) passa a se chamar Carlos de Melo ou simplesmente Doidinho, cujo nome refere-se ao título do livro, a partir do momento em que se torna estudante do INSC- Instituto Nossa Senhora do Carmo, situado na cidade de Itabaiana, sob o olhar vigilante do seu Maciel. Um local cujos espaços eram delimitados, havendo lugares específicos para todas as atividades até para o castigo.

De acordo com Foucault (2014), os corpos são domesticados por meio de vários expedientes como a criação de cercas e muros, a separação dos grupos, o dar a cada pessoa um lugar de funcionalidade, controlar o tempo e as atividades para torná-los corpos dóceis. Era os corpos dos moleques que mais eram impostos o controle da disciplinarização na qual eram tecidas técnicas de controle dos corpos, dos castigos físicos e morais, a vigilância de todas as atividades e a regulação do tempo impostos pela escola e o confinamento, eram um espaço vigilância a prisão da liberdade. De acordo com o autor:

Até às nove horas ficava o internato tomando ares na rua. Podia-se passear de dois em dois. [...] às nove horas nos recolhemos para dormir. [...] ninguém podia trocar palavras. Falava-se aos cochilos, e para tudo lá vinha: é proibido. A liberdade licenciosa do engenho sofria ali amputações dolorosas. Preso como os canários nos meus alçapões. Acordar à hora certa, comer à hora certa, dormir a hora certa. (REGO, 2008b, p. 35).

O internato era o lugar no qual não havia espaço para brincadeiras de meninos, que pudessem externizar o lado animal do ser humano, pois esse local era vigiado e logo quem não obedecia às regras eram punidos em publico para servirem de exemplo, segundo José Lins (2008b):

[...] o Chico Vergara estava impossível; e o seu Heitor dando cocorotes nos outros. [...] lá chegava o diretor, olhando para os cantos, espreitando alguma coisa. Sentava-se na cadeira de braços. – Senhor Francisco Vergara. O menino levantou-se, e ficou em pé diante dele. Com uma palmatória na mão, lá ia dizendo o diretor: - o Senhor sabe que não quero moleque aqui; o senhor não se emenda. Venha para cá, seu atrevido. E o bolo estalou na sala. Por dentro de mim corria uma onda de frio. (p. 37).

---

<sup>41</sup> Um corpo que se encontra em um estado dócil um pode ser submetido, pode ser utilizado, transformado ou simplesmente aperfeiçoado, pelo poder disciplinador que tem como objetivo “adestrar” as “multidões confusas e inúteis de corpos”, e a partir daí, fabricar indivíduos obedientes.

Como podemos perceber o internato é a instituição escolar que poderia propiciar a domesticação, pois havia o controle dos corpos, os castigos físicos e morais, a vigilância de todas as atividades. Nesse espaço eram incluídos exercícios físicos que seguiam o modelo dos militares e que faziam parte da disciplinarização.

Os exercícios de tiro nos faziam este bem: preparavam- nos para o sono de animais cansados. Não tinha jeito para os exercícios militares. Faltava-me qualquer coisa, pois todos os meninos eu via sabendo fazer as meias-voltas e os direita-volver. Fiquei o ridículo do colégio. Quando o sargento gritava uma ordem, me aturdia. E enquanto os outros se viravam para um lado, eu fazia justamente o contrário. Estouravam em risadas. (REGO, 2008b, p 203-204).

**Figura 1- Fachada do prédio onde funcionou o Instituto Nossa Senhora do Carmo<sup>42</sup>**



Fonte: <http://blogitabaianahoje.blogspot.com/2015/07/demolicao-de-parte-do-patrimonio.html>

O discurso sobre a educação constitui-se, no período, como uma forma de colocar limites, de disciplinar o corpo infantil para normatizar posturas sociais exigidas pela família e pela classe social. E dentre essas posturas estavam colocadas às exigências sobre o corpo. Segundo Melo (2013), o final do século XIX já traz novos modelos de masculinidades, baseados em músculos desenvolvidos e as atividades físicas e os exercícios militares. Pois era preciso ser homem não somente diante das mulheres, era preciso também ser homem diante de outros homens. Por isso nas escolas e internatos, o corpo deixa a libertinagem, a indisciplina e passar a ser vigiado, docilizado e civilizado. Pois como afirma Louro, (2000, p.

<sup>42</sup> O Instituto Nossa Senhora do Carmo funcionou em um prédio que teve seu tombamento iniciado pela Lei Municipal n.º 679, de 11 de novembro de 2014, mas sua parte interna foi demolida e mantida só a fachada.

11), “os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher “civilizados”, capazes de viver em coerência”.

### **3.2. Na prisão entre Deus e o Diabo**

O Instituto Nossa Senhora do Carmo estava inserindo num contexto cuja função desta instituição era disciplinar, fabricar corpos dóceis para um saber estabelecido e produzido por meio da punição, dos castigos. Na Paraíba do início do século XX, a escola e, principalmente, os institutos disciplinares ou internatos eram destinados à moralização do corpo. Por isso, o professor atuava enquanto agente do poder disciplinador, ele assumia a postura moralista, tornando-se um corretor de corpos, um vigilante dos corpos que fazia da escola um presídio. Segundo Foucault (2014), a escola era um aparelho de vigiar, no qual os quartos eram como pequenas celas, onde se encontravam corpos que estavam sendo docilizados, servindo de exemplo para os que estavam não estavam inserido nessas instituições.

O seu Maciel era um professor que como visto anteriormente controlava o tempo e o espaço da escola, que ditava as regras da instituição, o que era permitido o que era negado era decisão dele. Dentro desse espaço o único horário que o se sentiam mais livre eram quando o “terror” ia passear pela cidade. Mas, o olhar da vigilância ficava para sombra que o acompanhava o Seu Filipe, que ficava responsável por vigiar os meninos quando ele saía, segundo o autor, “O decuridão ficava legítimo representante da tirania, excedendo-se em zelos provocando mesmo incidentes para o relatório do outro dia”. (REGO, 2008, p. 35). Para Foucault (2014):

[...] As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. (p. 170).

Dentro desse espaço de vigilância, as regras eram minuciosamente calculadas: os alunos dormiam às 9 horas da noite e despertavam às 6 horas da manhã; ao irem dormir, eram observados pelo seu Filipe e, ao acordar, todos os alunos deviam passar por seu Maciel “e apertava-lhe a mão, dando bom dia”. Os alunos estavam sob um processo de transformação sociocultural, seus corpos estavam sendo fabricados para obedecer, para ficarem calados e agirem de forma natural com as provocações de incidentes que lhes causavam “bolos”. Pois,

os castigos para os alunos sem conduta e o uso da palmatória eram dispositivos de disciplina, usados pelo professor, para a correção e mudança desses jovens. Como podemos observar.

Senhor Pedro Muniz, o senhor não abe que eu não permito aluno meu andar fumando na rua? – Sei, sim senhor. – passe para cá, seu sem vergonha. E o bolo cantou outra vez. Este não chorou. Foi vermelho para o seu lugar, mordendo os beijos, olhando para os outros com cara de raiva. (REGO, 2008b, p. 38).

Diante de uma sociedade cujas características educativas ainda eram as do século anterior, à violência na escola ainda era comum<sup>43</sup>. Portanto, segundo Aragão e Freitas, (2012), a palmatória, juntamente com outros signos da escola como as carteiras, livros o quadro de giz, mais os instrumentos de correção como o chicote à vara eram parte da cultura escolar desse momento histórico.

Mesmo após a proibição de castigos físicos, a palmatória adentrava no século XX como um artefato ainda inserido na cultura material escolar. “intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social” (SOUZA, 2007, p. 170)”. (ARAGÃO; FREITAS, 2012, P. 25).

A palmatória age como um dispositivo disciplinar que torna o corpo do aluno submisso ao professor pelo medo e castigos que exigem do corpo a disciplina, logo o objetivo dessa colonização do corpo é uma autorregulação dos sujeitos, a sua sujeição ao processo pedagógico utilizado nesse período. De acordo com o autor:

O colégio de Itabaiana criara fama pelo seu rigorismo. Era uma espécie de último recurso para meninos. O Diocesano não me aceitara porque estava de matrícula encerrada. Lembraram do colégio do Seu Maciel, como era conhecido nos arredores o Instituto Nossa Senhora do Carmo. Lá estiveram os meus primos uns dois anos. Voltaram contando as mais terríveis histórias do diretor. Um judeu. Dava sem pena de palmatória, por qualquer cousa. Era ali onde eu estava agora. (REGO, 2008b, p. 30).

---

<sup>43</sup> A violência no século XVIII era uma prática comum. De acordo com Aragão; Freitas (2012, p. 21-22) seu uso era legítimo não apenas no universo escolar, mas em todo o processo que envolvesse relações humanas, fossem elas entre senhor e escravo, entre marido e esposa, fossem entre pais e filhos, entre outros exemplos. Todavia, nos anos 1800, essas práticas já não eram vistas com tanta naturalidade, pelos menos pelas instâncias de poder, pois não estava de acordo com uma sociedade que se pretendia civilizada e desenvolvida. Assim, em 15 de outubro de 1827, foi promulgada a Lei Imperial que, entre diversas prescrições, incidia sobre a proibição de castigos físicos nas escolas, substituindo-os pelo de cunho moral, baseando-se no método lancasteriano. Dessa forma, o sentimento de medo cederia espaço ao sentimento de vergonha. Mas na Província da Paraíba, o uso de castigos físicos era tão frequente que, ao invés de engendrar meios de coibir sua prática, o caminho escolhido foi o de regular seu uso. Dessa forma, os castigos corporais foram oficializados por meio de um decreto da Assembleia Legislativa, através da Lei 20, de 6 de maio de 1837, que estipulou o número de palmatoadas que cada aluno deveria receber, de acordo com a idade e a ação realizada: Art. 12. [...] § 4º. Observar e fazer observar em suas aulas os presentes estatutos, administrando o infrator; caso porém não aproveite a primeira e segunda admoestação, poderão usar além de outros castigos morais adaptados, de palmatoadas, que não excederão as seis em cada dia; usando porém deste castigo com a necessária moderação, e em proporção a idade dos alunos. Em argumentos de atrasados, que o professor, ou professora deverá estabelecer uma vez em cada semana, ou em desafios de uns com outros se admitirá também entre eles as palmatoadas até o número de doze, cada dia. (MIRANDA; CURY, 2008, p. 5).

Dentro do internato o silêncio e a submissão eram algo a ser respeitado. Carlos de Melo ao chegar a este espaço, onde os corpos eram trancafiados assim como seus pássaros em gaiolas no engenho Santa Rosa, percebe a diferença de um corpo livre e de um corpo aprisionado, um corpo que não tem mais tratamento igual como terá antes no Santa Rosa ou com seus antigos mestres. Pois, se antes que separavam um tamborete só para ele, este objeto de diferenciação entre os meninos no engenho agora foi substituído por carteiras iguais, para um tratamento igual para com os demais meninos que ali estavam. Segundo ele, “foi uma coisa que me chocou, esse primeiro contato com o mundo, esse dístico que o mundo me dava” (REGO, 2008b, p. 34). Mais adiante o autor diz que Carlos de Melo “era somente mais um como os outros, menino atrasado, no segundo livro de leitura” (REGO, 2008b, p. 36).

Os castigos, as privações e as humilhações são objeto de punição corretiva. o ato de punir corrige um comportamento tende a tornar as pessoas iguais, pois faz uso de um modelo que é considerado “correto”. Poderíamos dizer que é uma forma de interditar ou docilizar o corpo do outro, na medida em que só é permitido se expressar dentro de padrões já estabelecidos e dados como legítimos, já que “todo aquele que se desviar da norma, torna-se alvo de um saber que o examinará e de um poder que o corrigirá ou punirá” (ARAÚJO, 2001, p. 83).

O corpo que não obedece às regras que estão impostas é punido, o medo torna o corpo submisso. O sujeito que é enxergado enquanto indolente transforma-se numa figura passiva, O corpo do aluno vai se modificando, pelo medo, pelo discurso do outro que o coloniza, que o transforma em um corpo dócil, em um garoto bom. Assim corrigindo-se as imoralidades, transformando um corpo de um “bicho” em humano civilizado. “O velho Maciel tinha razão. em pouco tempo adiantara-me bastante. O medo do bolo vencera a rude da d. Sinhazinha” (REGO, 2008b, p. 65).

Dentro do espaço disciplinador que a escola oferece, existe uma separação, “cada indivíduo no seu lugar” dentro da escola há relações entre essas partes, que geram uma ordem imposta pelas características da sociedade. Portanto, a escola e o professor impõem sobre os corpos que estão sendo produzido, um discurso de ordem, no qual “distribuir os indivíduos num espaço onde se possa isolá-los e localizá-los; mas também articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias” (FOUCAULT, 2014, p. 142).

No Instituto Nossa Senhora do Carmo, o interno é condicionador a fazer parte de uma grande maquinaria que extrai do corpo “incivilizado” toda a sua rusticidade, atraso e má conduta e o deixa vazio, o torna dócil para ser colonizado pelo discurso do conhecimento, da moral e da disciplina da sociedade moderna. Entre a relação aluno professor, não a interação, nem expressões dialógicas dos alunos, apenas a passividade para receber os conteúdos, e a partir delas o professor examinar a capacidade de mudanças de cada um. Para Carlos de Melo os métodos utilizados pelo seu Maciel estavam fazendo efeito “O mundo crescia para mim. tinha cinco partes” (REGO, 2008b, p. 66), ele percebia que o mundo não se resumia ao Santana Rosa e seus arredores. Seu Maciel utilizava-se estratégias, de dispositivos de poder<sup>44</sup> para educar e domar seus alunos. Os seus materiais didáticos, especialmente na representação do livro, tinham a responsabilidade de encantar os alunos.

Havia um certo encanto na virgindade da minha ignorância, ao tempo em que ia aos poucos sabendo de coisas que me pareciam absurdas. O Sol maior que a Terra. E a Terra era que andava em torno dele. As estrelas brilhavam também de dia. Os livros afirmavam estas verdades [...]. (REGO, 2008b, p. 66).

Podemos perceber que o livro se constitui como um dispositivo de saber, que detinha a autoridade máxima, nem mesmo o professor Maciel poderia interferir nesse saber, todos eram submissos ao saber que o livro detinha. Como diz Foucault (2014, p. 179), há “pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo para que sejam obrigados todos juntos à subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à exata prática dos deveres e de todas as partes da disciplina”.

Dentro do internato, diante do encarceramento dos corpos, o poder da disciplina “que se impõe pouco a pouco a prática pedagógica”, (FOUCAULT, 2014, p. 156), lança estratégias para corrigir, transformar os alunos pelo cotidiano. Neste espaço alguns livros detinham histórias muito parecidas com as da velha Totonha, de um novo mundo, de um lugar encantado. O livro *Coração*, de Edmondo de Amicis, que encantava Carlos de Melo, por ser um “romance admirável”, parecia expressar as suas sensibilidades, como se os personagens do livro fizessem parte de seu cotidiano.

E como era diferente a escola de lá do professor Maciel! Distribuía prêmios, os professores falavam manso, não existiam palmatórias. O colégio não se parecia com as escolas da Itália (REGO, 2008b, p. 67).

---

<sup>44</sup> Ver em FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

Mais adiante podemos perceber o quão sensível é a leitura para Carlos:

[...] o *Coração* estremecia a nossa sensibilidade de meninos, nos interessava naqueles conflitos que eram nossos. Este livro de tanto amor à Itália me faz amar aos que eu não conhecia, aos estranhos, aos meninos sujos porque não tinha roupas limpas, aos heróis dos contos. A minha infância sem Júlio Verne e sem soldados de chumbo imaginou os seus heróis como eram os do *Coração*, os seus grandes homens, os que morriam pela pátria e os que davam a vida pelos pais. (REGO, 2008b, p. 67).

Outro método de pedagogização utilizado por seu Maciel foi à inserção do cinema, enquanto um discurso moderno sobre a constituição do corpo. Com a chegada do cinema na cidade de Itabaiana “às terças e, aos domingos, pegava cada um “quinhentos reis” para o espetáculo a noite” (REGO, 2008b, p. 188). Os alunos vão ao cinema não apenas para “passar o tempo”, para “lazer”, mas para observar como se comportam os homens e a mulheres na sociedade moderna. O corpo sofre um processo de alteridade no qual é colonizado pelo discurso moderno da sociedade europeia. Segundo José Lins do Rego:

Levávamos a semana distendo as fitas, comentado os enredos, corrigiam-se atitudes, emendavam-se situações, aprendiam-se mesuras da sociedade. Havia mulheres tentadoras vestidas na última moda, bem diferente das mulheres que víamos na vila. Tudo era diferente naquelas existências. Os homens tinham outros modos. As mulheres saíam de casa sozinhas. [...] a gente daquele lugar era mesmo de outro planeta. (REGO, 2008, p. 190).

Mais adiante ele afirma, “a verdade, porém é que o cinema nos educava”, (REGO, 2008b, p. 191). Ou seja, as estratégias lançadas demonstram que nem sempre a necessidade de repressão para a constituição dos corpos, de acordo com Louro (1997, p. 41. grifo da autora):

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas).

As estratégias pedagógicas, juntamente com o discurso da sociedade moralizada, moderna e civilizada eram utilizadas para colonizar o corpo dos jovens dessas instituições, os fabricando de acordo com os padrões e normas da época. Podemos perceber o biopoder que há nessas relações, no qual há um conjunto de disposições e práticas que foram tecidas e acionadas para controlar os controlar.

A religião surge como um poder disciplinador que atua de forma silenciosa. De acordo com Oliveira (2015, p.198) “O simbolismo do cristianismo favorecia o silenciamento da alma

e a docilização do corpo”. O discurso da igreja era o do arrependimento, o da mudança de corpo violento para o frágil, é um confronto entre “Deus e o Diabo”.

[...] Jesus amava os meninos porque eles eram a virgindade da vida. Eram a inocência, a alegria feliz, a alma limpa de culpa e de pecados” A apropriação de diversas imagens religiosas reproduzia a liturgia católica nos espaços escolares. Mas nem todos os meninos eram assim, havia os de coração imundo, crescidos no vício como adultos, meninos que emprestavam uns aos outros, que fediam a distância. (REGO, 2008b, p. 69).

O discurso cristão da igreja era absorvido pelos meninos, pois, nas escritas do autor, o personagem Carlos, ao ouvir as palavras do frade sobre Deus, passa a se autodisciplinar quando vêm em suas memórias às cenas de lubricidade com as mulheres e com os moleques do tempo de engenho; logo pensava nas palavras de Deus sobre os “os condenados ao fundo do rio com uma pedra no pescoço, nos meninos que fediam à distância, nos pobres de consciência” (REGO, 2008b, p. 76). Carlos vivia um conflito, o seu corpo atraía pensamentos lúbricos, quando só, eram “tentações do Diabo” que não vinha “fedendo a enxofre”. A vigilância para com o corpo utiliza-se da violência, que não precisa ser física, marcada no corpo, mas não deixa de ser uma violência psicológica, em que o próprio indivíduo com receio de ser punido ou excluído, se autovigia constantemente.

Carlos de Melo, um menino que está sendo colonizado pelo discurso moderno do *ser* homem, necessita abdicar-se do seu outro eu; o Carlinhos, da safadeza, da bagunça, da libertinagem. O menino diabo deve temer a Deus para que não seja “diferente” ou excluído dos outros meninos. Seu corpo sente “fome” de “purificação”. Para isso, passa pelo processo de confissão, no qual a submissão à igreja e a renúncia a satanás é a forma de se torna igual aos outros meninos. O ato de se confessar serve para retirar todas as más condutas desse mundo incivilizado, que o faz um menino diabo, e o deixa vazio para o discurso da mudança, do menino puro, que teme a Deus e que é submisso.

O Instituto Nossa Senhora do Carmo era uma instituição completa, promotora da moralidade pública, cujos corpos dos que ali viviam eram corrigidos dos vícios via métodos tradicionais que impõem medo, como à palmatória, o quarto-escuro, ficar em pé de costas para a turma ou de joelhos no milho, faziam parte “das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Por isso, a submissão à disciplina do instituto pareciam, para Carlos funcionar:

Cada um sentia-se um condenado ao castigo, embora a mais cândida inocência o envolvesse. E mesmo não havia inocentes entre todos aqueles que o Senhor chamava com tanto gosto ao seu regaço. Talvez que tivesse razão a pedagogia do velho em descobrir em cada um de nós um pequeno monstro em formação. O seu sistema de educar, a ferro e a fogo, sem dúvida que lhe aconselhava a experiência de meio século de trato com anjos. (REGO, 2008b, p. 46).

Mesmo que os corpos vivessem aprisionados sob o olhar vigilante de seu Maciel, os “presidiários” muniam-se de *habeas-corpus* para suas travessuras. Durante as férias eles voltavam para suas casas, Carlos ao voltar para o Santa Rosa, percebe a mudança há entre a cidade e o campo, de um corpo preso e de um corpo livre. Ele ao chegar põe seus pés na lama, sai correndo por baixo das goiabeiras, “recuperava em um instante a meninice, a que o velho Maciel tapara a boca no colégio” (REGO, 2008b, p. 151). A sua sexualidade reprimida no colégio não é bem vista diante no cenário dos “incivilizados”; seu tio Juca diz:

- Você está amarelo demais! Que diabo é isso? Abra seu olho: este negócio ofende. [...] – Você precisa dar um passeio por fora. Sabia também a extensão do seu conselho. Um passeio por fora, chegar terra para os pés da cana, era como eles se referiam à necessidade do coito para saúde. Eles tinham estre preconceito contra a castidade. Atribuíaam à abstinência uma porção de males. Havia amarelos por isto, doidos por falta de mulher. (REGO, 2008b, p. 162-163).

Dentro do espaço de vigilância que era o colégio, Carlos utilizou-se de táticas para burlas as regras e o poder de seu Maciel sobre ele. Diante de toda uma autodisciplina instituída pelo discurso cristão, Carlos utilizou-se de ferramentas do seu cotidiano para escapar das punições. Segundo José Lins do Rego:

Sozinho no colégio podia tomar banho todos os dias. Trancava-me no banheiro um tempão. A agua me trazia essa vontade de recolhimento. Era o medo da agua fria que me deixava nu a pensar na vida. O diabo pegava-me desprevenido em tais momentos. As recordações da negra Luísa e da Zefa Cajá ficavam ali, diante do tanque. E nem o medo de Deus, que estava em toda a parte, me salvava das deleitações libidinosas. Limpava o corpo, tirava o lodo do meu pescoço, embora ficasse de ama encardida. (REGO, 2008b, p. 104-105).

Em outro momento ele tem relações sexuais com a cozinheira do colégio, a negra Paula:

[...] sozinho no colégio, num dia em que estava trancado no banheiro, bateram devagar na porta: - Abra, Carlos. Perguntei quem era. – Sou eu, abra. E o diabo me visitou ali em carne e osso. O povo tinha saído. [...] a negra tinha o mal dentro. Uma, duas, três vezes, me levava para fora deste mundo, nos arrancos de sua vigorosa animalidade. Depois eu pegava a pensar que diria Deus de tanto pecado. (REGO, 2008b, p. 106).

Outra tática utilizada por Carlos é o envio de cartas para o seu avô o coronel José Paulino, relatando as más condições do colégio interno. O envio de cartas era algo proibido dentro desse espaço; ele utilizar-se da saída de seu amigo Coruja para visitar a família para burla as regras dessa instituição. “Eu queria que você escrevesse uma carta lá pra casa, Coruja. [...] Quero que você escreva contanto tudo”. (REGO, 2008b, p. 48). Como diz Michel Certeau (2014), às táticas funcionam no cotidiano das práticas cotidianas “golpe por golpe, lance por lance. aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”, (2014, p. 94-95).

Ao ser revelado que o Coruja enviou uma carta para o coronel José Paulino, as conversas entre Carlos e Coruja foram proibidas. Mas, utilizando-se de astúcias para se comunicarem, por meio de bilhetes, eles burlavam as decisões gravadas em pedra pelo diretor. Os meninos foram capazes de organizar um jogo no espaço do outro, como diz Michel de Certeau (2014), são “vitórias do “fraco” sobre o mais ‘forte’” no qual “deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha”, (2014, p. 94). Segundo José Lins do Rego:

[...] as nossas conversas enroladas em papeizinhos dobrados. escrevia-se sobre tudo: “tal dia vou sair...” ou falando dos outros, da política interna da casa: de Pão-Duro, dos filhos do Simplício Coelho, uns protegidos do colégio, [...] Coruja me mandava recados: “No banho de rio de domingo tenho uma coisa pra lhe dizer”; “tenho uma lata de doce para você: procure na prateleira da cozinha”. e no fim o “leia e rasgue”. (REGO, 2008b, p. 60-61).

O Instituto Nossa Senhora do Carmo, sob as mãos de seu Maciel tem as formas de um presidio, que para além dos castigos físicos e morais, mantém corpos passivos a serem transformados, disciplinados, colonizados, é “um projeto de transformação dos indivíduos”, (OLIVEIRA, 2015, p. 202). Que se encontram em “funcionamento nos colégios”, no “espaço hospitalar” ou nas “organizações militares”, a sempre um discurso de “técnicas sempre minuciosas, muitas vezes e íntimas que [...] definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo”, (FOUCAULT, 2014, p. 136). Ou seja, é um discurso de um corpo moderno, delicado que é distribuído espacialmente, pondo cada individuo no seu lugar, que controla o tempo, que os vigia.

Podemos perceber que a disciplina é um instrumento que constitui o discurso da modernidade insere na prática educacional, tornando o que Foucault (2014) diz ser característica do poder disciplinador, a capacidade de medir, disciplinar, corrigir e

hierarquizar. Mesmo diante do poder instaurada no instituto, os corpos dos jovens conseguiam formas de burlar essas regras impostas. Os corpos que estavam em um território que não deveria haver diferenças entre indivíduos, mantinha em suas as práticas cotidianas mais simples as suas pluralidades. De acordo com Louro, (2000. p.16), a escola, a igreja a família:

[...] realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e permanente.

Portanto, o espaço escolar do instituto, como no caso do Instituto Nossa Senhora do Carmo se configurava enquanto uma teia de aranha, composta por linhas de saberes que os constituem de maneira singular e que deveria ser destruído pelo poder disciplinador, que esvaziaria esses corpos e os preencheria com o saber que no projeto da modernidade, seria necessário para as suas formações enquanto futuros adultos e herdeiros da família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, sob a articulação da história e literatura, investigamos a construção da masculinidade nas narrativas de José Lins do Rego, procurando entender como o autor pôde pensar e dizer o corpo de Carlos em seus múltiplos sentidos, no cotidiano da sociedade açucareira do começo do século XX. Essa pesquisa buscou pensar e estudar a masculinidade considerando as relações de gênero, percebendo então as relações de interdependência na produção de masculinidades e feminilidades no período estudado. Ao fazer isso, o intuito também foi o de desconstruir essa ideia de que a narrativa histórica do homem nordestino teria sempre sido uma narrativa da história dos homens, não havendo espaço para perceber as delicadezas e cuidados para com esses corpos; destacar que os corpos dos meninos foram fabricados pelo discurso arcaico/moderno da sociedade a partir de suas práticas cotidianas e que estudar masculinidades é perceber os discursos enquanto colonizadores e produtores de identidades masculinas na história.

A análise sobre fabricação da masculinidade, tecidas a partir do dos discursos das obras, *Menino de engenho* (2008a), *Doidinho* (2008b), e *Meus verdes Anos* (2008c), evidenciou um homem que estava desaparecendo junto à sociedade açucareira, um homem ligado a tradições, um sujeito resistente às mudanças sociais dos primeiros trinta anos do século XX. Um corpo que faz da terra sua força e sua virilidade. Que convive rodeado de moleques da bagaceira, nas libertinagens sexuais. Um corpo indisciplinado, incivilizado, um macho representante da sociedade arcaica. Mas também um homem produzido a partir do discurso da modernidade, do corpo educado, dócil e civilizado. Capaz de demonstrar para a sociedade que estaria apta a assumir os negócios da família para também se tornar senhor de engenho, para só assim ser um homem capaz de exercer poder nessa sociedade.

Acreditamos que este trabalho traz uma contribuição a esse campo que ainda está se firmando. Mesmo utilizando um autor já explorado no que se refere aos estudos sobre masculinidades, trouxemos o nosso olhar para as obras de José Lins do Rego, trazendo para discussão os estudos de gênero a partir de um olhar sobre o discurso que envolve a sociedade rural e moderna. O diálogo das obras de José Lins do Rego é em grande parte de cunho memorialístico, sobre os primeiros anos do século XX e está repleta de sensibilidades, representações e produções discursivas do homem sobre o período estudado.

Portanto, embora a fabricação da masculinidade tenha sido apontada nesta pesquisa a partir dos discursos sobre esse período, às novas formas de ampliar esses estudos a partir de novas ópticas, a exemplo da questão editorial da época com a vasta produção memorialística. Mas acreditamos que este trabalho trouxe sua contribuição acadêmica no tocante às questões de gênero, especificamente com relação à produção de masculinidades nos primeiros trinta anos do século XX na Paraíba.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes.** prefácio de Margareth Rago. 5°. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. A invenção de um macho. In: **Nordeste: invenção do “falo”** - uma história do gênero masculino (1920-1940). / 2°. ed. - São Paulo: Intermeios, 2013.

\_\_\_\_\_. **A hora da estrela:** a relação entre a história e a literatura, uma questão de gênero? Natal: 2006. 9p.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil.** Rio de Janeiro: ed. FGV, 2010.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **A importância do *outro* na transmissão e apropriação do conhecimento e na construção da consciência de si e do mundo.** *Temas psicol.*, Dez 1997, vol.5, no.3, p.109-120.

ARAGÃO, M.; FREITAS, A. G. **Práticas de castigos escolares:** enlaces históricos entre normas e cotidiano. *Revista Conjectura*, v. 17, n. 2, pp. 17-36, maio/ago. 2012.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, José D’Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *MOUSEION*, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano:** 1. Arte de fazer. 13 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In:\_\_\_\_\_. DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil.** 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2007. P. 55-83.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: Entre Práticas e Representações.** 2 ed. Portugal: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história.** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Questões teórico-metodológicas da História.** In: Anais do IV seminário nacional de estudos e pesquisas Campinas – SP. 1997. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/apresentacao.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/apresentacao.htm); Acesso em 10/08/2019.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e Império**. In:\_\_\_\_\_. DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2007. P. 84-106.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur revoluciona a história**. In:\_\_\_\_\_. A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 71-100.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. - 7º ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 7º ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação brasileira sob regime da economia patriarcal**- 51º ed. rev – São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos**. 12º ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEAL, Julie Christie Damasceno. **A estética kantiana: o belo, o sublime e a arte**. In: Intuitio Revista eletrônica dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Porto Alegre. Vol.8 – Nº.2. 2015. p.146-158.  
Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/18840>  
acesso: 03/10/2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. (Org). LOURO Guacira Lopes Gênero. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro, (Org). Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Edição Autêntica. Belo Horizonte 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. In: *ProPosições* (UNICAMP), v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

MAUAD, Ana Maria. **A vida da criança de elite durante o império**. In:\_\_\_\_\_. DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2008. P. 137-176.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil 1726-1950. In: **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez; 2016.

MENDONÇA, C.V. Os desafios teóricos da história e da literatura. In: **Revista História Hoje**. São Paulo, n.2, 2003.

MELO, Vitor Andrade de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: DEL PRIORE, Mary e AMANTINO, Marcia. (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2013. p.120-152.

MOREIRA, W. Provocações deleuzeanas para as linguagens documentárias. In: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 2, p. 21-36, 17 dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42317> acesso: 03/10/2019.

NORBERT, Elias. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

OLIVEIRA, Irailson Buriti de. Como canários nos alçapões: infância e cultura escolar na obra Doidinho, de José Lins do Rego. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 54, p. 189-209 Set-Dez. 2015.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: \_\_\_\_\_. DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 347-375.

PESAVENTO, S. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: \_\_\_\_\_. **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. (Orgs). PESAVENTO, S e LEENHARDT, J. Campinas: UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sensibilidades: escrita e leitura da alma**. In \_\_\_\_\_. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. (Org). PESAVENTO, S e LANGUE F. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 09-22.

\_\_\_\_\_. **História e História Cultural**. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **História & literatura: uma velha-nova história**, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 04 juin 2019. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1560

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: \_\_\_\_\_. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, V. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

RAMOS, Pestana Fábio. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: \_\_\_\_\_. DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 19-54.

REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e tempo histórico**; a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo, Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os Annales: a renovação teórico-metodológica e "utópica" da história pela reconstrução do tempo histórico**. In: Anais do IV seminário nacional de estudos e pesquisas Campinas – SP. 1997. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/apresentacao.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/apresentacao.htm) Acesso em 10/08/2019.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1999.

SCARANO, Julita. **Criança esquecida das Minas Gerais**. In: \_\_\_\_\_. DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 6ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p.107-136.

SOUSA, Ana Paula Freitas. **Heróis da infância em Menino de engenho e Meus verdes anos de José Lins do Rego**. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3427>. Acesso em: 21/11/2018.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

#### **Fontes utilizadas:**

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80.a ed. — Rio de Janeiro; José Olympio, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Doidinho**. 41.a ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Meus verdes anos: memórias**. 6.a ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2008c.